



ALÉM DOS MUROS DE UMA ESCOLA DE PESCA: APRENDIZAGEM, OFÍCIO E  
CIDADANIA EM PIÚMA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL.

Raphaela Silva Gouvêa da Costa Duarte

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Engenharia de Produção.

Orientadores: Roberto dos Santos Bartholo Junior

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2010

ALÉM DOS MUROS DE UMA ESCOLA DE PESCA: APRENDIZAGEM, OFÍCIO E  
CIDADANIA EM PIÚMA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Raphaela Silva Gouvêa da Costa Duarte

TESE SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO ALBERTO LUIZ  
COIMBRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DE ENGENHARIA (COPPE) DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS  
REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM  
CIÊNCIAS EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO.

Examinada por:

---

Prof. Roberto dos Santos Bartholo Junior, D.Sc.

---

Prof. Marcos Pereira Estellita Lins, D.Sc.

---

Prof. Fabio Luiz Zamberlan, D.Sc.

---

Prof. Elizabeth Tunes, D.Sc.

---

Prof. Maria Tavares Cavalcanti, D.Sc.

RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL

DEZEMBRO DE 2010

Duarte, Raphaela Silva Gouvêa da Costa

Além dos muros de uma escola de pesca: aprendizagem, ofício e cidadania em Piúma, Espírito Santo, Brasil/ Raphaela Silva Gouvêa da Costa Duarte – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2010.

VIII, 136 p.: il.; 29,7 cm.

Orientadores: Roberto dos Santos Bartholo Junior.

Marcos Pereira Estellita Lins

Tese (Doutorado) – UFRJ / COPPE / Programa de Engenharia de Produção, 2010.

Referências bibliográficas: p. 126-128.

1. Relação e Diálogo. 2. Educação. I. Bartholo Júnior, Roberto dos Santos *et al.* II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, Programa de Engenharia de Produção. III. Título.

*Dedico aos pescadores de almas, os verdadeiros educadores.*

## **MINHA GRATIDÃO...**

Aos alunos, ex-alunos, professores e funcionários da Escola de Pesca de Piúma  
A Edna por ter aberto as portas da Escola de Pesca e de sua casa para que eu pudesse  
entrar

Ao Nelson e sua dedicação a Escola de Pesca

A minha mãe, Verinha, por tudo

A minha irmã, Dani, pelo incentivo e por sempre acreditar em mim

A minha Vó Izabel, que agora está livre, leve e solta

Ao meu amado, Jean, que construiu esse trabalho junto comigo

Aos amigos Roberta, Pedrinho e Andréia, da secretaria do PEP, pelas risadas e ajudas  
fundamentais, em especial a Deta, minha mãezona na COPPE desde 2002

A Beth pela inspiração e orientação que me levaram à Piúma

Ao Estellita pelas críticas e observações construtivas

E ao Bartholo por me abrir os olhos contra o perigo da história única e me mostrar que  
vínculo, quando se cria de fato, é para sempre, mesmo que o tempo e a distância digam  
não...

Resumo da Tese apresentada à COPPE/UFRJ como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutor em Ciências (D.Sc.)

ALÉM DOS MUROS DE UMA ESCOLA DE PESCA: APRENDIZAGEM, OFÍCIO E  
CIDADANIA EM PIÚMA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Raphaela Silva Gouvêa da Costa Duarte

Dezembro/2010

Orientadores: Roberto dos Santos Bartholo Jr.

Marcos Pereira Estellita Lins

Programa: Engenharia de Produção

O processo de ensino e aprendizagem é uma relação que envolve dois protagonistas: o professor e o aluno. Trata-se de uma relação em que se deve olhar o outro como de fato é. No entanto, em muitos casos, tais personagens vivenciam uma prática na qual pouco se verifica o senso de comunidade, em que o individualismo do aluno e do professor os prejudicam, e muitas vezes os impedem de articular o saber e o senso crítico, de exercitar a dialogicidade. Para ilustrar e discutir tão importante questão, será apresentada uma escola que tem por objetivo ensinar as bases do ofício pesqueiro a uma comunidade pesqueira situada na cidade de Piúma, no estado do Espírito Santo, região sudeste do Brasil, num diferente e bem sucedido processo de ensino e aprendizagem analisado à luz do confronto teórico das idéias a respeito de relação, diálogo e educação de Martin Buber e Anísio Teixeira.

Abstract of Dissertation presented to COPPE/UFRJ as a partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Science (D.Sc.)

BEYOND THE WALLS OF A FISHING SCHOOL: LEARNING, LABOUR AND  
CITIZENSHIP IN PIÚMA, ESPÍRITO SANTO, BRAZIL.

Raphaela Silva Gouvêa da Costa Duarte

December/2010

Advisors: Roberto dos Santos Bartholo Jr.

Marcos Pereira Estellita Lins

Department: Production Engineering

The process of teaching and learning is a relationship that has two principal persons: the teacher and the student. It is in fact a relationship that needs the looking at the other how he or she really is. However, in many cases, these persons are situated in another practice, a practice that we almost can not see the sense of community, where the individualism of the teacher and the student mess their actions and feelings, and sometimes can stop them to articulate the knowledge and critic sense, can stop them to exercise the dialogicity. In order to show and discuss such important question, it will be introduced a school that has as objective to teach and improve the bases of fishing labour to a community situated in Piúma, Espírito Santo, Brazil, in a different and successful process of teaching and learning, that will be analyzed according to the meeting of theoretical ideas of Martin Buber and Anísio Teixeira

## SUMÁRIO

O COMEÇO DA VIAGEM .....	1
1. FALA NELSON! .....	7
2. A ESCOLA DE PESCA CONTADA POR SI MESMA .....	17
Com a Palavra, a Escola de Pesca .....	18
2.1. O município e suas necessidades .....	18
2.2. O Meu significado real .....	25
2.3. O Meu funcionamento .....	31
2.4. Minhas limitações e dificuldades .....	37
3. RELAÇÃO E DIÁLOGO .....	43
3.1. Relação .....	44
3.1.1. O Poder .....	52
3.2. O Diálogo .....	58
4. OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO .....	76
4.1. Alguns dos muitos significados da Educação .....	78
4.2. A Filosofia da Educação .....	80
4.3. Consequências sociais da Educação .....	82
4.4. Onde vamos parar, meu Deus!? .....	86
5. INDIVÍDUO E PESSOA .....	100
6. A DESPEDIDA .....	108
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	115

## O COMEÇO DA VIAGEM

Sempre me questioneei sobre os rumos que a Educação, de modo geral, está tomando, quando se pode perceber que colocamos para fora dos muros das escolas, enquanto educadores, pessoas cada vez mais despreparadas e ignorantes de seu compromisso com a sociedade e consigo mesmas, compromisso de crescimento, de participação e responsabilidade.

Já li tantos livros, artigos, histórias, tanta coisa falando de como deve ser a Educação ideal, o processo ideal, o local e a infraestrutura ideais, e tudo não passou de uma bela teoria ideal. Mas, e o real? E o factível? Angustiava-me pensar que vivia buscando o ideal e não conseguia lidar com o real, o meu real, o real com o qual convivo, trabalho, ao qual pertença. Aí entrou Anísio Teixeira, pois ao devorar sua obra literária, me identifiquei com suas propostas, com sua “utopia” real, com sua forma “pé-no-chão” de apontar caminhos viáveis para repensar a Educação, através da criação de uma escola pública que nada tem de ideal, mas concebe a realidade tal qual é e permite que se melhore um pouco dela, gradativamente, através da melhoria pessoal de cada um que nela está inserido.

Até que, no início de 2008, buscando concatenar as idéias para colocar o projeto no papel, me veio à inspiração falar sobre conceitos e processos educacionais reais que deram ou poderiam dar certo, analisando políticas públicas de gestão e metodologias educacionais. No entanto, tive que mudar um pouco a direção a ser seguida, ao perceber que tal estudo extrapolaria e muito o tempo que eu tinha para realizar minhas pesquisas.

Minha jornada começou quando, conversando com várias pessoas, entre elas meu futuro orientador, Roberto Bartholo, travei contato com a obra de Martin Buber. Foi paixão à primeira vista, ou melhor, paixão à primeira leitura.

Imediatamente percebi que o judeu austríaco e o baiano, aparentemente dissociados por completo um do outro, falavam o mesmo idioma, o idioma do amor de quem gosta de gente, de Educação.

Bingo! Nasceu então a espinha dorsal da pesquisa: mostrar, por meio de criteriosa e profunda análise, que suas idéias sobre Educação, seus processos e atores eram absolutamente equivalentes, e mais, não se tratavam apenas de mais uma teoria, muito interessante no papel e pouco ou nada realizável no dia-a-dia.

Precisava provar que a proposta buberiana de relação autêntica, fundamentada na palavra-princípio EU-TU – surgida na mente de um Buber ainda menino que, observando seu pai, um homem “imerso nas relações diretas, para quem o que verdadeiramente importava era o simples acontecimento das relações” o via cumprimentar seu cavalos, um a um, de forma pessoal (BARTHOLO JR, 2001: p.20) – e as concepções de Teixeira sobre um processo educacional que permeia não somente o crescimento intelectual, mas fundamentalmente o crescimento de um indivíduo enquanto pessoa, e sua participação nas responsabilidades inerentes à sociedade em que vive, são definitivamente correlatas, “siamesas”.

Então, Bartholo me apresentou a Prof. Beth, dizendo que ela teria com certeza uma sugestão legal de caso para fundamentar e validar minhas pesquisas; e teve mesmo. Ela me falou de uma tal escola de pesca, numa cidadezinha no Espírito Santo da qual nunca ouvi

falar – Piúma – e disse que a proposta desta escola era muito diferente e pioneira, mas não tinha idéia se a escola ainda existia. Sugeriu que eu investigasse para ver no que dava.

Pus os pés, ou melhor, os pneus na estrada – mas precisamente, na BR-101 – e com uma mochila, um gravador e um mapa, cheguei até o local que parecia ser um sonho, mas transbordava realidade, o sonho de uma realidade difícil, dura, mas fascinante: a Escola de Pesca de Piúma. Era lá que eu precisava experimentar e comprovar a fundamentação teórica resultante de minhas pesquisas e trazer todas as suas nuances à tona, afinal de contas, mas uma tese teórica para ler seria, com o perdão da expressão, “uma chatice só”.

Fui conferir de perto a tal escola, munida de muita curiosidade e uma vontade imensa de que tudo desse certo. E deu.

Já na Escola, no dia seguinte à minha chegada na cidade, fui recebida com grande atenção e um carinho – os quais não estava acostumada a ver – pela minha cicerone, a Edna, carinhosamente chamada de Edinha. Ela providenciou tudo, as entrevistas, informações, dados, tudo. Sem ela, tudo teria sido mais difícil.

Muitas entrevistas para lá, muitos outros bate-papos para cá, fotos lindas e intermináveis acolá e todo o material foi reunido. Recortes de jornal, relatos, diários, gravações de programas de TV, enfim, estava tudo ali, ao meu alcance, para que eu arregaçasse as mangas e começasse a escrever. Deu vontade de ficar lá mais um tempo, mas precisava voltar e começar a trabalhar.

No entanto, por mais que rabiscasse aqui e ali, nada saía do papel, pois como eu poderia redigir um texto formal, com todas as especificações de uma tese, sem prejudicar ou alterar a beleza incrível dos diálogos totalmente informais travados com professores, funcionários,

alunos e ex-alunos da Escola? Estava diante de um dilema: ou seguia a convenção e redigia uma tese...chata!, ou dava vazão à intuição, redigindo um texto profundamente informal, mas que daria voz plena à Escola e sua fascinante história, misturada letra a letra aos pensamentos de Buber e Teixeira, exatamente como tudo “pedia” que acontecesse.

Era uma preocupação real e justa tratar da Escola, na tese, não como mais um estudo de casos, pois desta forma, perderia muito da sua complexidade, desumanizando as pessoas envolvidas visceralmente nesta história, pois, de acordo com ALVES-MAZZOTI *apud* SARAYED DIN (2009)

os problemas ocorrem quando o compromisso com a generalização ou com a teorização é tão grande que a atenção do pesquisador é desviada de características importantes para a compreensão do caso em si. Com sua própria história, única, o caso é uma entidade complexa operando dentro de vários contextos – físico, econômico, ético, estético e outros. (ALVES-MAZZOTTI, 2006: p. 647)

E encontrando uma saída para minhas apreensões, busquei no mesmo trecho a resposta que procurava, acalmando minha ansiedade, pois “questões sobre o como e por que se referem a relações complexas, sobre as quais o pesquisador tem pouco controle; são referidas a um dado contexto, portanto situadas.” (ALVES-MAZZOTTI, 2006: p.643)

Então, mais uma vez, Bartholo me apresentou dois trabalhos fascinantes, que cancelaram definitivamente meu desejo de contar a história da Escola da forma como está contada. Estes trabalhos são de Larissa Adler Lomniz e Luisa Farnese Lana Sarayed-Din.

A primeira foi grande fonte de inspiração, devido aos seus estudos sobre o conceito de formalidade e informalidade nas sociedades atuais e sua forma de priorizar, acima de tudo, as pessoas envolvidas no decorrer dos fatos, ou seja, chamou-me a atenção sua veia “buberiana”; a segunda veio confirmar que um trabalho da importância de uma dissertação

ou tese, pode e deve ser escrito de maneira jovial, diferente, deliciosa, sem perder jamais a seriedade e o valor.

Então, deixei o coração e a criatividade tomarem as rédeas deste trabalho. Como exploraria nos dois pensadores o conceito de diálogo, nada mais apropriado do que fazer todos os envolvidos nesta bela história, Buber, Teixeira, ex-alunos, professores, funcionários e outros autores dialogarem entre si, como se todos fossem velhos camaradas e amigos de longa data, marcando um encontro na Praia de Piúma, para, ao cair da tarde sob coqueirais, pudessem, parafraseando o velho Vina<sup>1</sup>, “argumentar com doçura<sup>2</sup>”, com uma água de coco, um peixinho na brasa e muita, muita história para contar.

O encontro está marcado e vai acontecer daqui a pouco, na praia, quase em frente à Escola; e você está convidado a embarcar nesta viagem e navegar conosco, aqui mesmo, em Piúma. Seja bem vindo!

---

<sup>1</sup> Apelido dado a Vinícius de Moraes.

<sup>2</sup> Tarde em Itapoã, de autoria de Vinícius de Moraes.

## **1. UMA ESCOLA PIONEIRA**

**“... eu tenho verdadeira paixão pela Escola de Pesca...”**

Mikaela, secretária da escola e ex-aluna

Vamos começar a nossa viagem conversando com um de seus professores e admiradores, que contará um pouco da história inicial de nossa anfitriã.

## CAPÍTULO 1

### Fala, Nelson!

A história da Escola de Pesca se confunde com a história de sua gente, uma história de dificuldades, lutas, alegrias, lembranças boas e outras nem tanto. Esta história será contada em seus detalhes, por várias pessoas que já passaram pela Escopesca ou que ainda continuam por lá.

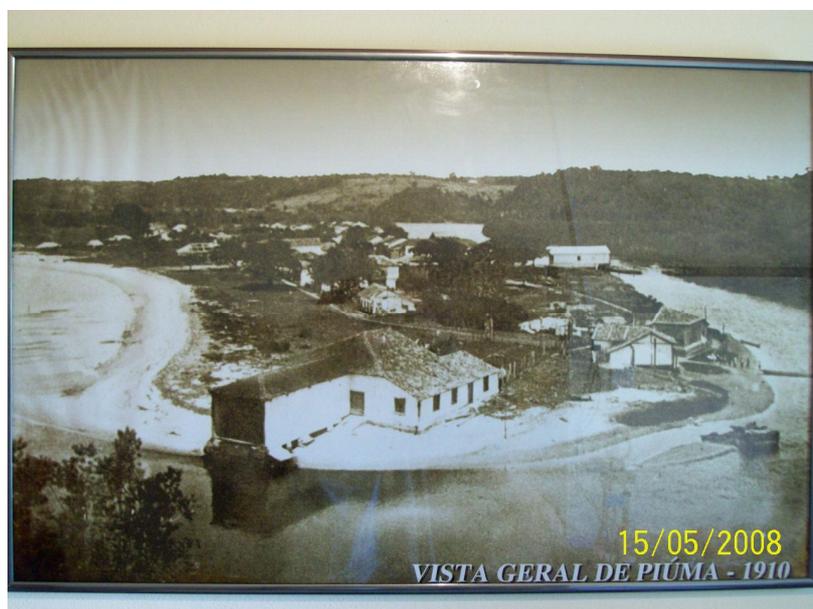


Figura 1 Piúma em 1910, 2008. Foto da Autora

Tratando-se de um trabalho de pesquisa acadêmico, o primeiro capítulo deveria começar pela descrição da escola, seu funcionamento, blá, blá, blá... No entanto, preferimos deixar este formalismo para outra ocasião, e já que iremos tratar o tempo todo da arte do diálogo, da relação e da educação, à luz dos nossos pensadores, nada melhor do que começar a conversa transcrevendo-a como esta aconteceu, à beira-mar, numa perfeita tarde de sol e regada a um delicioso cafezinho, contada por uma pessoa que viu a Escola sair do papel e

passa boa parte de seu tempo, de sua vida, entre duas realidades aparentemente desvinculadas uma da outra, e que têm tudo em comum, pois são duras e ao mesmo tempo fascinantes, belas e tempestuosas: o mar e a sala de aula, estes ambientes buscam, nem sempre conseguindo, formar, como Jesus Cristo recomendou a seu discípulo Simão Pedro, não somente pescadores de peixes, mas também pescadores de almas.



Figura 2 Estuário de Piúma, 2008. Foto da Autora

Então, nada mais propício do que deixar a Escola de Pesca falar primeiro, se desnudar primeiro, deixar suas entranhas virem à tona, a começar através da voz do Nelson, Professor Nelson, que, assim como eu e muitos dos que lá estiveram, é apaixonado pelo mar, pela Escola, pela vida.

Nelson, a palavra é sua!

\*\*\*

- A escola foi criada desde o início com o intuito de ter essa cara que ela tem ou ela era uma escola convencional que de repente foi transformada numa escola de pesca? Como é que foi o surgimento da escola?

- Ela foi projetada para funcionar como uma escola de pesca e nesses moldes, com essa arquitetura, não foi uma escola aproveitada, não foi uma estrutura física que já existia e adaptaram para uma escola de pesca, não, o projeto foi desde o início a construção e funcionamento desta estrutura da forma como está aqui.

- E qual era o objetivo disto?

- Atender os filhos de pescadores da região sul do Espírito Santo, que compreende Guarapari, Anchieta, Piúma e Itapemirim



Figura 3 Avenida Beira Mar, 2008. Foto da Autora

- Havia essa demanda para essas crianças, em relação a ensinar a elas, dar essa primeira base em relação à atividade pesqueira de uma maneira consciente , de uma maneira “profissional” , para atender a esta demanda.

- Sim, foi um projeto do Governo do Estado, e na época a pesca estava novamente se desenvolvendo, essa região tem uma produção pesqueira forte e um número bom também de empresas que trabalham com o comércio de pescado, e devido à vocação do lugar, então, pensaram na construção da Escola de Pesca. O projeto inicial era para duas escolas, uma no sul do estado<sup>3</sup> e outra no norte do estado, em Conceição da Barra; a de lá só foi feita a estrutura física mas ela nunca entrou em funcionamento.

- Esse projeto foi realmente pioneiro, eu não tenho conhecimento aqui no Brasil de uma Escola de Pesca, a não ser no sul do país, que eu não sei onde é exatamente, e outra no Nordeste.

- Teve uma Escola de Pesca em Niterói, no Rio de Janeiro, chamada Darci Vargas, que funcionou até 1964 mais ou menos. É uma escola que os pescadores mais antigos ainda falam nela, que foi também uma escola muito boa, e depois ficou muitos anos sem escola nenhuma, Escola de Pesca nenhuma, até que em 1986 criaram essa daqui, e depois desta criaram uma em São Francisco do Sul em Santa Catarina, que funciona com alternância, os alunos passam um período na escola e um período em casa, nesse sistema da escola regular... lá é alternância; no Espírito Santo tem esse sistema que se chama pedagogia da alternância, onde eles passam um período na escola, dormindo na escola, se alimentando, vivendo normalmente na escola, e um período em casa, é interessante.

---

<sup>3</sup> Piúma é um município central em relação aos demais, por isso a Escola de Pesca situar-se neste.

- É, eu não tinha conhecimento desse sistema...

- Há mais de 35 anos isto funciona aqui no Espírito Santo, se não me engano é um modelo francês, é para fixar o aluno no campo, as escolas são chamadas escolas famílias agrícolas, e lá em Santa Catarina tem essa que é ligada ao mar, é a Escola Família do Mar.

- Isso é muito interessante, e eu vejo aqui na Escola de Pesca que existe uma preocupação não só com a parte técnica, mas eu vi aqui uma coisa que me deixou fascinada, essa preocupação com o meio ambiente, essa educação ecológica, educação ambiental, do aluno ter noção do que ele pode fazer, do que ele não deve fazer para não degradar o meio ambiente, para não degradar o espaço onde ele vive, e eu quando vi isso aqui eu achei um barato, pois não é só a parte técnica, não é só o “vamos ensinar a ele a atividade da pesca” e desdobrar isso de maneira técnica, mas existe essa preocupação com o meio ambiente, existe essa preocupação de fazer a pesca consciente, a pesca de modo que eles retirem o que precisam para o sustento deles e deixem o meio ambiente o menos tocado possível , eu gostei muito, não tinha a menor idéia de que isso existia . E isso hoje, vocês conseguem levar isso adiante aqui dentro? È que a gente sabe que, por exemplo, existe uma questão, que eu percebo, como professora, de governo, de política, que a gente quer fazer um trabalho sério, bacana, e a gente não consegue desenvolver porque existe política e nem sempre é interessante fazer determinado tipo de trabalho , politicamente não é interessante, não é rentável... Como é que funciona isso aqui? Vocês têm muita dificuldade por causa dessa questão política?

- A escola há três anos foi municipalizada e isso mudou totalmente o funcionamento dela, desde a seleção das pessoas para trabalharem, é difícil encontrar professor de mecânica

naval, construção naval e havia procura por melhores profissionais, existia uma disputa para ver quem ia realmente estar trabalhando na escola, e hoje essa escolha é muito política, depois da municipalização. Antes o critério era realmente o critério competência profissional, de se identificar com o setor pesqueiro, de se identificar com as comunidades pesqueiras... Mas de três anos para cá isso se perdeu, o conselho da escola não é atuante, não funciona mais como funcionava, os bons profissionais se afastaram da escola e não se adaptam a esta trabalhando num ambiente onde é mais pela questão política que pela competência profissional, e isso está atrapalhando bastante, mudou muito a escola de três anos pra cá.

- Como era a escola antes da municipalização?

- Antes a entidade mantenedora era o Governo do Estado do Espírito Santo e a escola tinha total liberdade de trabalho, não tinha a interferência de nenhum órgão do poder público, os professores, as políticas de educação, as matérias a serem lecionadas na escola, a organização curricular, isso tudo era feito pelo conselho da escola, apresentado ao Estado, o Estado discutia isso tudo tecnicamente e nos dava o suporte necessário, e a gente ia trabalhando, e agora não, agora foi mudada a grade curricular, a carga horária, e então eu não sei até que ponto isso foi discutido, foi avaliado, como era anteriormente.



Figura 4 Entrada principal da Escola de Pesca, 2008. Foto da Autora

- Então o conselho da escola era formado por professores, pais...
- Pais, alunos, professores, funcionários e pessoas da comunidade.
- È a comunidade escolar como um todo né...
- Porque tem uma personalidade jurídica, então pode firmar convênios, nós já tivemos vários convênios com Petrobrás, Samar, Ministério da Educação, Ibama, e os convênios também deram uma parada... o Telecentro, que é um convênio com o Ministério das Comunicações, há 45 dias não é acessado e tem uma cobrança de Brasília em cima disso, e outro problema sério foi a mudança de diretor, então em quase três anos nós tivemos quatro diretores, sem a participação dos alunos, então, antes não, a comunidade participava muito mais da escola, então eu vejo essa mudança, querendo chamar o estado para rediscutir o projeto da escola, os rumos de trabalho...
- E agora, como é feita essa questão da eleição do diretor?
- Ah, o secretário municipal indica, é indicação, e isso vai contra a legislação, pois deve ser gestão democrática e participação da comunidade, com o dirigente escolar sendo escolhido pelos membros dos segmentos da escola.
- Eu achei que esses professores faziam concurso, eram funcionários públicos.
- Tinha entrevista para saber por que o professor queria vir para cá. É um problema crônico no estado, é a mudança de professor que acontece todo o ano, como o professor não é efetivo, a cada ano acontece uma escolha de DT, designação temporária, então nessa parte a

gente fechava sempre o DO<sup>4</sup>, publicava como devia ser feita a escolha dos DT, o edital, então contemplava a Escola de Pesca como uma escola especial onde o profissional deveria vir conhecer a forma de funcionamento para depois se candidatar ao cargo, e isso não acontece hoje.

- Os professores são também indicados...

- São indicados, exatamente, não só a direção, como também os professores.

- Então apesar de ser uma escola pública os funcionários aqui não são estatutários.

- É, o quadro de funcionários efetivos é muito pequeno, nesta escola são três efetivos, do núcleo comum, das oito disciplinas do núcleo comum são três efetivos: o professor de Educação Física, que está afastado por problemas de saúde e trabalhou aqui desde a fundação da escola, o professor de História que está afastado também em cargo público e eu que retornei para a sala de aula porque saí da direção, os outros são designação temporária, então a cada ano tem a mudança de professores, o que dificulta a continuidade de um projeto, mas mesmo assim a gente ainda tentava criar condições para que a pessoa que viesse pudesse dar continuidade ao trabalho, ou que fosse a mesma pessoa... era necessário um conhecimento prévio da escola para estar trabalhando aqui, e agora não tem mais isso, e os profissionais da área profissionalizante da escola, que são sete disciplinas, esses a gente já tinha um trabalho desenvolvido há algum tempo e a cada ano a gente renovava com esses profissionais, e hoje quadro também já mudou, tá meio enrolado.

---

<sup>4</sup> Diário Oficial da União

- É, depois que o município tentou intervir, a coisa complicou bastante. E pelo que eu vejo, vocês fazem o impossível para tentar cumprir o máximo possível da proposta inicial da escola, que é trabalhar, pelo que eu entendo, não só conhecimento, que isso qualquer escola faz, passar informação qualquer escola faz, mas é a preocupação em formar mais do que isso, é formar um ser humano que tem uma perspectiva profissional mas que também tem uma perspectiva ambiental e mais aberta para as coisas.

- É, a Escola de Pesca tem o objetivo de estar formando profissionais para trabalhar na pesca, mas não é uma formação técnica porque a evasão escolar acontece antes de eles concluírem a 8ª série, eles não chegam ao ensino médio, na época então da criação isso era muito mais evidente, hoje muitos ainda querem fazer o ensino médio...mas então não é uma escola técnica mas é uma escola que vai passar para o aluno como funciona o setor pesqueiro, que para pescar, precisa ter um anzol, uma linha, uma rede, saber preparar esse material, que tem a construção de um barco, que tem um motor a embarcação, que tem uma fábrica de gelo para estar produzindo gelo para conservar o pescado, então a escola passa para o aluno como é a cadeia produtiva da pesca. O ideal é que a escola tivesse criado há alguns anos atrás o ensino médio, para dar continuidade, para que quando o aluno chegasse a 8ª série ele pudesse, aí sim, se aperfeiçoar, ir para fora, fazer cursos, porque aqui exporta uma grande quantidade de peixes para vários países, não só trabalha com o mercado interno, mas a exportação é muito forte aqui; nós temos pescadores desta região que trabalham em todo o litoral do Brasil, e muitos saíram aqui da Escola de Pesca, numa outra época da escola, muitos dos que tem 25, 30, 35 anos, passaram por aqui, e a gente vê a diferença que é o trabalho deles em relação aos que não foram para a escola, então a importância da escola para a região fica clara, mas por questões políticas, a escola por ter

sido municipalizada, prefeito afastado, uma confusão política, isso deixou a escola sem rumo, e ela tem uma importância e tem a necessidade de estar se criando o ensino médio aqui para profissionalizar os alunos.

- E tem algum projeto, Nelson, para a implantação do ensino médio aqui?

-Ah, nós já pedimos, procuramos o estado para ver o que vai acontecer, já demos sugestões das disciplinas que tem que ser trabalhadas, qual a carga horária das disciplinas, fizemos um trabalho grande nesse sentido, só que não caminhou... o ideal era que o município entregasse a escola para o estado, devolvesse... mas a idéia não sai do papel, tá patinando e não tem nenhuma perspectiva de se concretizar...



Figura 5 Praia de Piúma, 2008. Foto da Autora

## **2. A ESCOLA DE PESCA CONTADA POR SI MESMA**

**“... abaixo de Deus, é o mestre de barco...”**

José Arthur, pescador local e mestre de barco

Chegou a hora de a Escola de Pesca falar por si mesma. Eu apenas serei sua porta-voz, para poder narrar sobre seu histórico de criação, o funcionamento interno, o local e a comunidade onde está inserida; além disso, apresentarei suas potencialidades e limitações físicas e administrativas.

## CAPÍTULO 2

### **Com a palavra, a Escola de Pesca.**

Se a Escola de Pesca pudesse falar, talvez ela começasse dizendo:

- Olá! Eu sou a Escola de Pesca de Piúma. Pode ser que você nunca tenha ouvido falar de mim, ou talvez sim. De qualquer forma, é um grande prazer estar aqui e poder falar um pouco de mim, da minha cidade, da minha gente... Vou contar agora a história da minha criação e de como, mesmo com o nada feito, a sala escura, o nó no peito, a gente vai levando, como diria o grande Chico<sup>5</sup>...

No entanto, como isto não é possível, ofereço-me para contar estes fatos, tais como me foram mostrados; mais tarde, nossos convidados irão chegar para animar o papo e muita água de coco vai rolar...

### **2.1) O Município e suas necessidades**

- Muitas cidades litorâneas do estado do Espírito Santo, como Guarapari, Anchieta, Piúma, Maratáizes e Itapemirim têm na pesca sua principal fonte regular de renda. Nos meses de verão e feriados, esta renda é acrescida pela presença dos turistas, que requerem prestações de serviços como pousadas, bares, restaurantes, passeios de barco, trilhas ecológicas e quiosques à beira-mar.

---

<sup>5</sup> “Vai levando”, de Chico Buarque e Caetano Veloso.



Figura 6 Avenida Beira Mar, 2008. Foto da Autora

Desta forma, a cidade se transforma em um balneário repleto de delícias, das quais o turista pode desfrutar até o sol se por, e ao cair da noite a cidade propicia caminhadas reconfortantes embaladas pela brisa marítima.

No entanto, nos demais meses, a movimentação e badalação dos turistas cede lugar à dura realidade da economia baseada na pesca, a cidade vazia e ao comércio de portas fechadas, em dias longos e monótonos.

A costa brasileira, de mar tropical, caracterizada por grande variedade de espécies, cada qual podendo ser encontrada em pequenas concentrações, torna a possibilidade de exploração em escala industrial mais difícil de ocorrer.

E no Espírito Santo, a atividade pesqueira ainda é artesanal, pois é feita, em grande parte, com barcos pequenos e desprovidos de urna de gelo. Desta forma, realizam o que chamam

de pesca “no seco”, ou seja, precisam ir e voltar no mesmo dia por não terem como armazenar o peixe.

Os cinco municípios citados acima representam grande parte do total de pescadores do Espírito Santo e respondem por mais de 60% da produção anual de pescado do Estado.

O trabalho dos pescadores a bordo dos barcos é uma das atividades envolvidas no setor pesqueiro que, estabelecido em torno da pesca artesanal, compreende também desde a fabricação de redes e tarrafas até a construção e reforma de embarcações; desde a produção de gelo nos entrepostos até a provisão de alimentos para a tripulação; desde o descarregamento do pescado até a inspeção de qualidade e comercialização. Desta forma, antes de chegar ao consumidor, o pescado passa por várias etapas, até a comercialização, o que movimenta a economia local durante todo o ano.



Figura 7 Avenida Beira Mar, 2008. Foto da Autora

Observando a cadeia produtiva da pesca desde as viagens a alto mar até a comercialização do pescado, chegando ao consumidor, nasceu a proposta de criar uma escola onde fosse possível proporcionar aos filhos de pescadores um conhecimento organizado em torno da arte da pesca e seus desdobramentos, sejam econômicos, ambientais, etc.

O surgimento e o verdadeiro autor desta proposta são dados que ninguém no município consegue confirmar, nem mesmo nos arquivos da Prefeitura constam.

A população local conta que um engenheiro, que ninguém lembra a origem e o nome, havia aventado essa idéia e começado a projetá-la em parceria com o Governo do Estado, mas, curiosamente, nem mesmo o Secretário Municipal de Educação ou o Nelson sabem dizer ao certo se e como este fato realmente ocorreu.



Figura 8 Entrada lateral da Escola de Pesca, 2008.  
Foto da Autora

O fator extremamente interessante e crucial para a criação da escola foi a percepção da necessidade de se criar uma instituição que buscasse atender as necessidades de subsistência específicas daquela comunidade.



Figura 9 Encontro do rio com o mar de Piúma, 2008.  
Foto da Autora

Ou seja, antes de a ESCOPESCA ser criada, a pesca era uma atividade informal – eu até usei o termo “artesanal” ainda há pouco, lembra? – e quando falo informal, me refiro ao que Prof. Larissa expõe em uma de suas obras<sup>6</sup>.

É possível, através desta leitura, compreender as condições de trabalho dos pescadores e de como a pesca estava se marginalizando, da seguinte maneira: depois que a tal da Guerra Fria acabou, os processos de organização que configuraram a nova ordem mundial acabaram por gerar uma série de organizações “informais” que muitas vezes possibilitam que diversos setores não só subsistam, mas também se desenvolvam a margem ou nas fronteiras do dito “formal e regulamentado”.

Prof. Larissa diz que “a organização da sociedade em estruturas sociais cada vez mais complexas e reguladas consegue-se com um custo considerável de marginalização (ou exclusão) de certos setores ou estratos da sociedade.” (LOMNITZ, 2009:p.14)

---

<sup>6</sup> Ver Referências Bibliográficas

Daí, ela falou de Richard Adams, que generalizou o conceito de marginalidade para incluir determinados grupos sociais excluídos das fontes de poder, mesmo que o Estado se responsabilize por sua sobrevivência física. Aí então se pode colocar no mesmo “time”, ou seja, definir como marginais importantes segmentos da população “que foi posta para escanteio”, existente nos países subdesenvolvidos (LOMNITZ, 2009) e nos industrializados, tanto os capitalistas quanto os do extinto bloco socialista. Ah! É importante falar que marginalidade não necessariamente é sinônimo de miséria. Marginalidade se refere a alguns setores da economia que não se encontram inseridos nos processos econômicos e políticos formais. Essa era, até então, a situação da pesca em Piúma.

Bem, nos idos dos anos 70, ela conta que o “termo ‘marginalizado’ foi substituído pelo termo ‘setor informal’ para enfatizar “a articulação do setor com a economia informal e seu papel estrutural e permanente na economia, em lugar de ser somente considerada como uma população tradicional, marginalizada e excedente.” (LOMNITZ, 2009:p. 20).

Ela se refere a alguns pesquisadores deste tema e suas colocações, que têm tudo a ver com o que acontece em Piúma. Ela falou de Hernando de Soto, segundo o qual

Sociedade paralela é, em muitos sentidos, mais autêntica, trabalhadora e criativa do que a que usurpa o título de país legal – aparece (...) como uma porta de saída do subdesenvolvimento e uma esperança real para muitas de suas vítimas, que estão encontrando uma alternativa econômica para solucionar suas próprias vidas.(DE SOTO, 1987: p.16)

Deixando as considerações de como acabar com o subdesenvolvimento – deixo esse quebra-cabeça para os estudiosos do assunto, não vou me meter nisso agora – o que vale

mostrar é que ele chama a atenção para a questão da informalidade, junto com Prof. Larissa, colocando o formal e o informal lado a lado.

De Soto disse ainda que

a informalidade não é também um setor preciso nem estático da sociedade, mas uma zona de penumbra que tem uma extensa fronteira com o mundo legal e onde os indivíduos se refugiam quando os tributos para cumprir as leis excedem seus benefícios. Só em alguns casos a informalidade implica não cumprir todas as leis; na maioria, desobedecem-se disposições legais precisas (...) Também são informais as atividades para as quais o Estado criou um sistema legal de exceção através do qual um informal pode desenvolver suas atividades ainda que sem ascender necessariamente a um status legal equivalente ao daqueles que gozam da proteção e benefícios de todo o sistema legal (...). (DE SOTO, 1987: p. 46)

Falou também de Castells e Portes (1989), segundo os quais a economia informal se referia a atividades de produção e distribuição de bens e serviços, a empresas e indivíduos, cuja característica era não estarem regulamentados pelas instituições de modo legal e social, em relação às demais atividades similares que estavam. Ou seja, justinho como as coisas andavam por lá, há uns anos.

No entanto, a grande sacada de Prof. Larissa foi entender que os marginais sobrevivem graças ao que ela chama de redes sociais, nas quais se efetuam correntes contínuas de intercâmbios baseados nas regras de reciprocidade.

Bem, ela vai dar uma passadinha mais tarde lá na praia para encontrar o pessoal e falar melhor disso.

Desta forma, em meados da década de 1980, foi constatada oficialmente pela Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo a inexistência de cursos profissionalizantes que levassem em consideração as características econômicas das muitas regiões do Estado.

E é aí que eu entro, vou continuar contando...

## **2.2) O significado real da Escopesca**

- Embora a pesca fosse uma alternativa econômica para muitas famílias do litoral capixaba, os filhos de pescadores não seguiam a profissão de pescador, por ser considerada de pouco valor social, quase um bico.

Desta forma, foi-se marginalizando este ofício, pois quando a gente sai daqui e cai nesse mundão de meu Deus, a gente vê, na cidade grande, pessoas de terno e gravata, todo mundo tem que ser doutor para ter respeito e valorizado, temos que estar sempre “engomadinhos”, mesmo que seja só para inglês ver...

Além disso, mesmo que as crianças e os adolescentes se interessassem em atuar no setor pesqueiro, não tinham meios de se capacitarem “formalmente”, ou seja, dentro das especificações e estudos já realizados sobre navegação, pesca, entre outros, posteriormente regulamentados pela Secretaria de Educação.

Essa “capacitação” era feita na mais antiga tradição de pai para filho, no decorrer das viagens ao mar. Mas isso foi dificultado pela legislação que visa proteger os pescadores e evitar o trabalho infantil, exigindo-se licença da Marinha para ir para alto – mar a bordo de um barco pesqueiro.

Outro fator limitador da atividade é que as licenças não são concedidas aos menores de 18 anos, e como as viagens são muito dispendiosas, não era possível arcar com o grande custo de levar aprendizes, que obviamente, produzem menos.

Então, a atividade pesqueira estava entrando em declínio e com isso o litoral capixaba estava perdendo não somente uma importante fonte de renda, mas também a arte da pesca, pois as gerações mais antigas não estavam mais tendo a quem transmitir esse conhecimento.

Pode-se dizer sem receio que a minha existência – modéstia à parte - proporciona uma experiência única em termos educacionais, pois o saber antigo e tradicional, no que diz respeito à produção de redes, navegação, construção de barcos e a pesca propriamente dita, são ensinados junto às técnicas modernas de pesca em todas as suas etapas; e mais, este saber é transmitido por “professores” do mar, que não possuem diploma acadêmico ou títulos de formação (nas disciplinas da Parte Diversificada, que será abordada mais adiante), mas que possuem a experiência que nenhum dos professores formais, igualmente importantes e indispensáveis, jamais aprenderam nos bancos universitários. Com isso, os alunos e ex-alunos adquirem uma visão mais profissional da pesca.

No tocante à questão ambiental, mais uma vez me destaco notavelmente por desenvolver em meus alunos uma mentalidade preservacionista e responsável.



Figura 10 Visita ao estaleiro, 2008. Foto da Autora

O pescador “antigo”, diz-se daqueles pescadores mais velhos e experientes, no sentido de terem muitos anos de mar, e que nunca passaram por mim, possuíam uma mentalidade extrativista. Com isso, gradativamente o ecossistema local era degradado, pois os instrumentos e redes utilizados na pesca acabavam por trazer, além dos peixes, outros seres componentes da fauna marinha, que eram descartados no processo de separação dos peixes e destes.

Além disso, não havia preocupação em respeitar o período de reprodução dos peixes, importando apenas atender à demanda do mercado e pagar as contas do mês.

Também sou um pólo ambiental, e desta forma, os alunos realizam produção e plantio de mudas de espécies nativas, que são plantadas nas ilhas tombadas pelo Conselho Estadual de Cultura e administradas por mim, além da colocação de placas informativas, cuidados com a vegetação nativa, etc.



Figura11 Produção de mudas para plantio, 2008.  
Foto da autora.

As aulas de Educação Ambiental (presentes em todos os anos de escolaridade) consideram o aprendizado relacionado ao ecossistema local, às cadeias alimentares marinhas e às maneiras de minimizar os efeitos destrutivos decorrentes da pesca, inclusive da pesca artesanal.

Faz parte também das aulas de Educação Ambiental um projeto de Maricultura, realizando a criação de mexilhão, ostra e coquili, aberto aos pescadores que tiverem interesse, com o objetivo de proporcionar uma alternativa de renda para os períodos de reprodução dos peixes.

Foi então, pensando primeiramente em oferecer aos filhos e descendentes de pescadores a oportunidade de qualificação para a atividade pesqueira, capacitando-os nas diversas etapas da cadeia produtiva, que a Secretaria de Educação do estado do Espírito Santo criou, em 06 de novembro de 1986, e pôs em funcionamento, no ano de 1987, a Escola de Pesca de Piúma.



Figura 12 Produção de coquili, 2008. Foto da autora.



Figura 13 Fazenda de mexilhões do Projeto de Maricultura, 2008.  
Foto da autora.

Outro objetivo da Secretaria de Educação era o de ampliar a rede de Ensino Fundamental da Região.

Piúma é uma pequena cidade do litoral sul do estado do Espírito Santo, localizada a 92 km da cidade de Vitória, e fora escolhida para sediar a Escola de Pesca por ser uma das maiores

colônias pesqueiras do Estado, juntamente com Itapemirim e também por situar-se geograficamente no centro de um conjunto de municípios nos quais era exercida a atividade pesqueira.

De fato, embora a atividade pesqueira estivesse entrando gradativamente em declínio nos outros municípios, em Piúma as crianças tinham um alto índice de evasão escolar para irem com seus pais se dedicarem à pesca.

Os pais e as próprias crianças pensavam que de nada serviria aprender, segundo suas próprias expressões, “aquele monte de fórmula e de frase bonita” que se ensinavam na escola. Afinal de contas, segundo eles, fórmula e fraseado bonito não “enchem nem o bolso nem a barriga de ninguém”.



Figura 14 Alunos na proa de um barco em construção, 2008.  
Foto da Autora



Figura 15 Plantio de mudas, 2008. Foto da Autora

### 2.3) O funcionamento

- O prédio situa-se no final da Avenida Beira Mar, principal avenida da cidade, em meio à praia, num belo estuário. A lateral do prédio tem visão para o rio que desemboca na praia.



Figura 16 Salas de aulas, 2008. Foto da autora.

Funciona em período integral, das 7:30h às 15:30h, com cerca de 100 alunos matriculados, provenientes dos municípios de Piúma, Anchieta, Itapemirim e Guarapari.

Há uma turma de cada ano de escolaridade dos 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º Anos), onde cada turma tem capacidade para no máximo 25 alunos. O processo seletivo é feito por ordem de chegada no período de pré – matrícula.

Não há a obrigatoriedade de o aluno ser filho de pescadores, assim como não há restrições para o ingresso de meninas na Escola, embora sua presença seja minoria absoluta.

Possui quatro salas de aula, sala de professores, refeitório, biblioteca, sala da direção, uma câmara de produção e conservação de gelo, sala de carpintaria e maquinário próprio, sala para a produção de redes e um galpão para a manutenção de motores. Além disso, possui um pequeno barco movido a motor.



Figura 17 Câmara de produção de gelo, 2008. Foto da autora.

Os alunos assistem às aulas no Núcleo Comum Nacional (Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Inglês, Educação Física e Educação Artística), mas o grande diferencial está na parte diversificada, que consta de disciplinas específicas para o setor pesqueiro.



Figura 18 Sala de Aula, 2008. Foto da autora.

No 6° e no 7° Anos, os alunos aprendem a Arte de Pesca, que inclui a fabricação e reparo de redes e materiais afins, a utilização de anzóis e iscas, o reconhecimento das diversas espécies de peixes e outros animais marinhos. Algumas destas aulas são realizadas na sala própria, situada nos fundos do terreno onde estou situada, e outras são ministradas na praia ou na Ilha dos Cabritos, contígua à praia.



Figura 19 Ilha dos Cabritos, 2008. Foto da autora



Figura 20 Sala para confecção de redes, anzóis e afins, 2008. Foto da autora.



Figura21 Galpão para a manutenção de motores, 2008. Foto da autora.

No 8º Ano, os alunos aprendem sobre Tecnologia do Pescado que ensina como guardar o pescado para conservá-lo mais tempo, o processo de defumação e produção de embutidos de peixe, além de noções de comercialização do pescado.

Ainda neste ano de escolaridade, estudam sobre Construção Naval, começando com aulas de carpintaria básica e produção de pequenas peças de madeira, e chegando às noções básicas de construção naval, desde a estrutura do barco até a conservação do casco; e finalmente, têm aulas de Mecânica Naval, que consiste em estudar o funcionamento e reparo de motores, manutenção, etc.



Figura 22 Estrutura de barco feita por alunos no curso de Carpintaria Naval, 2008.  
Foto da autora.



Figura 23 Timões construídos por alunos nas aulas de Carpintaria Naval, 2008.  
Foto da autora.

No 9º Ano, já com alguns conhecimentos rudimentares de pesca, os alunos aprendem Técnicas de Captura, que consiste na localização de cada tipo de pescado e a utilização de equipamentos para tal.

Esta disciplina, juntamente com Educação Ambiental (que eu descreverei a seguir) trabalha especialmente a conscientização dos alunos no que diz respeito à utilização das redes e equipamentos adequados a cada tipo de pescado, pois, apesar do respeito ao período de reprodução, ocorre muitas vezes a degradação do ambiente marinho, pois mariscos, algas e outros seres de menor porte são levados às redes, junto do pescado, quando não há a utilização de equipamento adequado.

Complementando tais aulas, são ensinadas Técnicas de Navegação, onde é ensinada a utilização de equipamentos de localização, direção e GPS (Global Positioning System).

Outra disciplina do programa do 9º Ano é Legislação Pesqueira, complementando as aulas práticas de pesca. Os alunos do 9º Ano ainda realizam pescas supervisionadas, de um dia, para sua familiarização com as condições de trabalho do setor pesqueiro.

Para as atividades de rotina do ensino, conto com um contingente constituído por um diretor, uma merendeira, uma secretária, dois serventes, oito professores para as disciplinas do Núcleo Nacional Comum e três instrutores para as matérias profissionalizantes do setor pesqueiro.



Figura 24 Aula de Arte e Pesca, 2008. Foto da Autora

#### **2.4) Limitações e dificuldades**

- O projeto original previa características arquitetônicas diferentes das que se tem hoje.

Este projeto previa a não existência de muros no entorno do prédio, uma vez que o mesmo se situa em plena praia. No entanto, devido a total falta de segurança e o crescimento constante de invasões e vandalismo (além, é claro, do tráfico de drogas) na região, foi toda murada, descaracterizando a ideia original, que fazia do mar aberto a principal sala de aula.



Figura 25 Muro ao fundo do terreno, 2008. Foto da Autora

Quanto à manutenção, previa-se originalmente que a Escola seria autossustentável. Desta forma, foi equipada com três barcos de pesca, fábrica de gelo e uma sala para o beneficiamento do pescado.

Esses equipamentos ficaram sob administração de uma Cooperativa de Pescadores, no intuito de estabelecer uma sinergia que beneficiaria a todos, e a Cooperativa tinha como objetivo gerar recursos que auxiliassem na manutenção; no entanto, tal iniciativa não foi adiante.

Devido à falta de organização e colaboração mútua entre os pescadores, e a uma conscientização no sentido de capacitá-los para a gestão eficiente da Cooperativa, havia uma prática competitiva e excludente entre eles; por exemplo, os mestres de barcos, que exercem uma das funções mais cobiçadas do ramo, dispensavam o trabalho dos demais pescadores, desde que conhecessem as regiões onde havia maior fartura de peixes com maior valor de mercado.

Tal fato gerou dívidas. Então, sendo a Cooperativa desativada em 1993, a parte produtiva passou a ser gerenciada pela Escopesca.

Em 1996, o diretor à época decidiu pela venda de um dos seus barcos, em melhor condição, para saldar parte das dívidas. Um dos outros dois barcos havia sido entregue a um pescador que não soube administrá-lo e o abandonou na Bahia. Mais tarde, esse barco foi resgatado e arrendado, tendo podido retornar para seu patrimônio. O outro barco está desativado por falta de recursos para reforma.

Até mesmo um carro novo havia sido doado m para uma urgência, como levar um aluno ao Posto Médico, buscar ou levar um documento a quem de direito, entre outras coisas, mas este carro literalmente apodrece no pátio por não haver dinheiro suficiente para sua manutenção.

Nos períodos de verão e férias, a fábrica de gelo existente funciona como uma fonte de captação extra de recursos para a manutenção, sendo a maior parte destes recursos provenientes da Administração Municipal.

Os recursos não são suficientes para a implementação de todos os projetos previstos, uma vez que o custo de manutenção da Escopesca é mais elevado do que o de uma Escola de Ensino Regular.



Figura 26 Sala do Telecentro, 2008. Foto da Autora

Ainda há a falta de mais barcos, laboratório, periódicos e bibliografia especializada para a biblioteca, material esportivo e muitas vezes falta até mesmo material básico para as disciplinas da Parte Diversificada ministradas nas demais dependências.

No entanto, o principal problema se refere aos recursos humanos. O projeto inicial previa um administrador geral, um coordenador pedagógico, professores de Ensino Regular, instrutores para a Parte Diversificada, tais como carpinteiro naval, mecânico naval, operador de máquinas, pescador para instrução no barco – escola, um redeiro, um motorista profissional, três mestres e quinze tripulantes para os barcos produtores.

O carpinteiro naval, o mecânico naval, o pescador – mestre e o redeiro, por não possuírem curso superior, não podem ser concursados. Isto consiste numa grande incoerência, pois só será possível aprender as minúcias do ofício da pesca com os que a vivem na prática, independente de sua titulação.

Alguns destes profissionais da pesca não podem trazer sua valiosíssima experiência para dentro dos meus muros, e embora existam, segue o impasse: há pessoas para realizarem tais funções, mas permanecem impedidos de as fazerem, enquanto os alunos continuam recebendo alguns destes ensinamentos de forma precária, ou mesmo não os recebendo.

No mais, a grande genialidade da proposta original é fazer com que os profissionais da pesca e a comunidade local se envolvam e sejam parceiros, juntamente com os professores formais, na formação dos jovens enquanto pescadores em potencial e pessoas, numa autêntica construção do processo educacional.

No entanto, houve apenas um concurso, em 1986, para a seleção de professores, e somente um deles é proveniente deste.

Assim, há 23 anos, os professores que lecionam praticamente todas as disciplinas são contratados, e não raro, a escolha profissional, tanto dos docentes quanto da direção, se dava apenas por afinidade política.

A rotatividade de diretores é tanta que já houve época de haver em média 3 diretores em um ano, alguns sem a menor noção de gestão de uma escola voltada para um objetivo tão específico como o meu.

Os profissionais da parte diversificada (na prática, carpinteiro, redeiro e mecânico, pois os outros profissionais constam apenas no projeto) e pessoal administrativo tem seu contrato renovado anualmente.

Desta forma, é praticamente impossível capacitar os professores do Núcleo Comum para a indispensável articulação de suas disciplinas aos conceitos e conteúdos das disciplinas referentes ao setor pesqueiro e envolver a equipe na discussão dos Temas Transversais, como Saúde, Família, Ciência e Tecnologia entre outros.

Além disso, a seleção não prioriza a escolha de profissionais que se identifiquem com os objetivos do projeto, nem a partir do conhecimento da realidade específica do setor pesqueiro.



Figura 27 Biblioteca, 2008. Foto da Autora

Pretendia-se trabalhar de acordo com a Pedagogia da Alternância, que consiste em deixar os alunos hospedados nas dependências da Escola de Pesca durante um período do mês, e estes voltariam para a casa no período restante, a fim de aplicarem os conhecimentos aprendidos.

Ainda assim, com tantas dificuldades e limitações, a proposta é pioneira, sendo um projeto único no país.



Figura 28 Sala de Recursos, 2008. Foto da Autora

Meus amigos Anísio Teixeira e Martin Buber acabaram de chegar, além de outros convidados e dos meninos da Escola de Pesca, e vão trocar um ou dois dedos de prosa conosco, sentados sob um coqueiro em frente a um quiosque na Avenida Beira Mar, e você, caro leitor, está convidado a participar. Seja bem vindo, puxe uma cadeira, sente com a gente, a Escola está às suas ordens!

### 3. RELAÇÃO E DIÁLOGO

**“... quando eu brigava com as meninas aqui da escola, às vezes eu ficava meio triste, e também tem outros assim, que eu fiz várias amizades aqui, que eu nunca vou esquecer, é isso.”**

Heloísa, ex-aluna da Escola de Pesca

Neste momento, uma brisa fresca está soprando mais forte e estamos no meio de uma prosa muito animada sobre relação, diálogo, entre outras coisas. Buber e Teixeira estão empolgados, e eu vou dando meus “pitacos” de vez em quando...

## CAPÍTULO 3

### 3.1) Relação

Enquanto estive em Piúma, conversando com as pessoas e observando a forma como elas falavam da Escola e como esta influenciava suas vidas, não pude deixar de me impressionar com a intensidade das relações estabelecidas entre aqueles que fizeram e fazem parte do seu dia-a-dia; encantei-me ao perceber que a Escola de Pesca é profundamente “humana”, ou seja, não existem as relações ideais, onde todos os professores ensinam com prazer e todos os alunos aprendem com desenvoltura e afinco.

As teorias sempre falam da educação ideal, mas aquela escola, singular por sua proposta de ação e sua preocupação em atender a uma necessidade específica das pessoas que vivem em Piúma, era, por outro lado, como qualquer outra escola, onde há desinteresse por parte de alguns professores que não se identificam com os objetivos da escola e por parte de alguns alunos que só estão por lá porque seus pais assim quiseram.

Então, pude compreender que quando Buber me falava de relação, ele não se referia a uma relação ideal, mas a uma relação onde a realidade permeava seus meandros, a realidade afetiva do riso, da amizade, do choro e dos desentendimentos, a mesma realidade que eu vivencio na escola onde leciono, e ao mesmo tempo uma realidade geográfica e econômica tão distinta daquela que faz parte da minha vida.

Foi então que Buber me provocou mais ainda quando disse:

- Para mim, a educação é relação, é capacitação. Por esse termo relação entendo relação direta, isenta de propósitos, cujo fim é ela mesma, isto é, a capacidade para tal relação com as pessoas com as quais se convive. (BUBER, 1987: p.93)

Por certo, meus caros, não se trata de uma relação qualquer. Quando este termo é colocado em questão, eu o concebo como uma interação, um encontro que gera vínculo. Um vínculo onde haja o respeito pela personalidade humana, não acha, Teixeira?

- Sim, Buber, um vínculo onde se possa desenvolver um sentido de independência e direção (objetivo), que permita a convivência com o outro dentro da máxima tolerância, sem, entretanto, nenhum prejuízo da personalidade.

Ao perceber que estava compreendendo as idéias de Buber sobre este assunto, não me contive:

- Entendi. Trata-se de uma relação onde se deve olhar o outro como o outro de fato é. Uma relação onde a espontaneidade e a iniciativa pessoal possibilitam o “voltar-se para o outro”. No entanto, em sala de aula, os personagens que se fazem parte do processo ensino–aprendizagem se encontram em outra prática. Comumente aquela em que pouco ou não se verifica o senso de comunidade, onde o individualismo, tanto do aluno, quanto do professor, os prejudicam, e muitas vezes os impedem de se tornarem capazes de articular o saber e o senso crítico, de exercitar a dialogicidade, que deve ser inerente ao genuíno ato de educar.

No entanto, olhando por outro ângulo, nem sempre as relações que permeiam a convivência e a vida vivida são do tipo EU-TU, e isto nem sempre é pernicioso...

- Realmente, eu nunca disse que as relações do tipo EU-ISSO são necessariamente perniciosas. Em muitos momentos, elas são fundamentais para a sobrevivência de um grupo, de uma comunidade; o perigo está em fazer deste tipo de relação o cerne da convivência. Larissa, fale para nós um pouco do tipo de relação objetiva que você estuda para nos dar um exemplo de sua relevância.

- Com prazer, caro Buber. Bem, se pensarmos aqui na comunidade de Piúma e no modo como seus membros garantem sua subsistência no contexto informal da atividade pesqueira, ocorre o que chamo de redes sociais. Uma rede social é um conjunto de relações entre indivíduos cujo objetivo é garantir aos mesmos, condições mínimas de sobrevivência.

Cada indivíduo é o centro de uma rede de solidariedade e, simultaneamente, parte de outras redes. Solidariedade aqui significa um sistema de intercâmbio de bens, serviços e informação que acontece no grupo.

Este intercâmbio obedece a regras culturais que pertencem às classificações e interpretações pessoais de confiança – e denomino confiança o tipo de esperança que se tem em uma pessoa a quem se está a ponto de solicitar um favor ou serviço (SARAYED-DIN, 2009). Por exemplo, de modo geral, a família é a base da rede de solidariedade, uma vez que representa o grupo social do indivíduo do qual emergem muitas outras relações. Outro exemplo é a amizade, em todas as suas modalidades. (LOMINITZ, 2009)

Vejamos o que ocorre em Piúma: os ditos marginalizados eram considerados um setor da classe trabalhadora que desempenhava trabalhos manuais não qualificados e desvalorizados

pelo mercado de trabalho urbano, no nosso caso, os pescadores, certo? Pois bem, à medida que se prosseguiu investigando, percebeu-se que o que caracterizava o setor, mais que o nível de arrecadação ou o tipo de ocupação, era a natureza informal, não contratual, o que teve como principal consequência uma insegurança em suas ocupações, seus orçamentos e a falta de uma proteção laboral legal. (LOMNITZ, 2009: p.20)

A partir daí, as relações interpessoais passaram a garantir a segurança que o sistema formal não contemplava, e estas relações são chanceladas por um “acordo” distinto daquele regulado pelo espaço formal. Este acordo é apalavrado entre as partes de uma relação informal e está por conta e risco destas, o que não quer dizer que será sempre bem sucedido.

Ou seja, a confiança constitui os meandros das relações informais e as pessoas que estabelecem entre si tais relações assumem todos os riscos das mesmas. Foi exatamente isto que ocorreu com a Cooperativa de Pescadores; aquele intercâmbio não foi adiante porque a confiança foi quebrada em algum momento e houve a cisão.

Daí, os pescadores passaram a achar que sozinhos produziram mais, rompendo liames daquela rede. De acordo com Buber, houve uma supervalorização da relação do tipo EU-ISSO em total detrimento da relação EU-TU.

\*\*\*

Minha cabeça dava voltas e mais voltas. Tive muita dificuldade para entender porque uma proposta tão interessante e legal quanto a Cooperativa, que tinha tudo para dar certo, simplesmente não deu...

Depois, refletindo sobre isso, foi só verificar que nem todas as pessoas estão dispostas a colaborar para que um projeto ou uma ideia deem certo, pois quando se esbarra nos interesses pessoais, quando se tem que falar em abrir mão de alguns interesses da esfera particular em prol do crescimento coletivo, seja em que circunstância for, a coisa muda muito de figura...

Estava dando umas boas risadas com Milena e Professora Larissa, enquanto estávamos conversando sobre essa questão da convivência. Então eu disse:

- De fato, a relação EU-ISSO não é por si só uma relação ruim ou inadequada, ela também é necessária à sobrevivência da comunidade. Por outro lado, um dos grandes desafios da existência humana é a convivência. E esta convivência deve ser fundamentada na reciprocidade, na relação com o outro. Não se trata de uma relação qualquer, mas daquela cuja força motriz é o diálogo.

Milena parece conhecê-lo intimamente, Buber, neste sentido. Como é a escola em que você estuda atualmente?

- Na escola onde eu tô hoje, o pessoal lá vai muito pela convivência; pra você passar, pra você estudar lá, você tem que passar por uma entrevista e os professores vão dialogando com você, pra ver se você passa ou não, e por eu ter tido uma convivência tão boa aqui é que eu consegui passar lá; se não fosse minha convivência aqui, eu não tinha conseguido passar lá e foi graças a essa escola e aos professores e todos que eu consegui ir para lá.

- Por outro lado, meus caros, vale ressaltar que quando se pensa em reciprocidade, não se pode restringi-la à relação perfeitamente simétrica, ou seja, aquela que ocorre, entre aqueles que convivem e se relacionam, de modo que a troca de experiências, emoções e impressões,

a tolerância citada por nosso amigo Teixeira e a espontaneidade e iniciativa pessoal de que fala Buber, seja de igual para igual.

Nem mesmo as idéias da Prof. Larissa, pelo que vejo, assumem necessariamente esta simetria.

- Exato. Mesmo nas redes sociais, como aqui na Escola de Pesca e na Z9<sup>7</sup>, a reciprocidade pode acontecer de maneira horizontal, onde a troca se dá entre iguais, mediante simetria, ou vertical, quando ocorre uma assimetria de recursos. (LOMINITZ, 2009)

Arrisco-me a dizer que a Educação, nesse sentido, não é muito diferente da Economia ou outra área afim.

\*\*\*

Como dizem os jovens hoje em dia, minhas fichas foram caindo uma a uma, pois foi a primeira vez em minha vida que eu parei para pensar em todas essas questões que se entrelaçam com o cotidiano da educação.

Cheguei realmente à conclusão de que a relação é um dos principais fundamentos da vida dialógica.

O diálogo é toda e qualquer forma de “acontecimento” um – para – com – o – outro, ou seja, tudo aquilo em que a subjetividade emocional e pessoal do outro interfere na nossa própria.

---

<sup>7</sup> Colônia de pescadores do Município de Piúma

Obviamente, observando minha própria experiência em sala de aula, quando o professor resolve vestir a pele do “terapeuta”, que se julga autorizado a investigar e “solucionar” a vida particular de seu aluno, ou a do “moralista”, que pretensamente resolve substituir os pais ou Deus, não exerce bem nem sua função de educador, muito menos a de terapeuta ou sacerdote.

No entanto, o professor pode e deve contribuir e acrescentar valores éticos e morais a seus alunos, além, é claro, de trabalhar criticamente os conteúdos de sua disciplina; esta contribuição, esta interpenetração que propicia o voltar-se – para – o – outro pode auxiliar até mesmo a combater problemas de socialização de depressão.

Foi então que, conversando justamente sobre a importância desta contribuição para o crescimento tanto do aluno quanto do professor, que toma contato com problemas distintos dos seus e pode desta forma dimensionar os seus próprios, Mikaela, ex-aluna que estava na roda de bate-papo conosco, deu seu emocionado depoimento:

- Vim estudar aqui por causa dos problemas que eu tinha, depressão infantil, eu não era uma pessoa sociável, tinha dificuldade em me relacionar, sempre fui uma menina muito problemática, então os psicólogos me indicaram uma escola assim, que tivesse poucos alunos<sup>8</sup>... Isso foi tudo para mim, eu tenho verdadeira paixão pela Escola de Pesca... Aqui eu encontrei forças para estar lutando; a Escola de Pesca me emociona muito.

\*\*\*

---

<sup>8</sup> Cada uma das 4 turmas de Ensino Fundamental da Escola de Pesca possui no máximo 25 alunos.

A essência do diálogo é ter o outro em mente. O diálogo passa a ser então o veículo que possibilita a descrição da reciprocidade, da experiência vivida, e permite a articulação das diferenças.

E é justamente esta articulação das diferenças o ponto mais fascinante e mais complexo (em todos os sentidos que esta palavra pode assumir!) do processo ensino – aprendizagem, pois exige que todos os seus atores exercitem contínua e diariamente a reflexão, o estudo e a sinergia.

Esta conversa está realmente me ajudando a mudar muitos paradigmas que eu tinha ao pensar sobre educação e me posicionar enquanto profissional, pois está me fazendo ficar atenta ao perigo de se contar uma história única sobre educação; o que há, na verdade, são múltiplas histórias, aquelas dos que não mais acreditam nela – professores e alunos – e só esperam o tempo passar para se aposentar ou desaparecer de vez da escola, e outras dos que ainda acreditam que a educação pode ajudar o homem a se melhorar e a melhorar seu entorno.

E também me mostra que a Escola de Pesca é um lugar fascinante não porque as coisas dão certo ou funcionam às mil maravilhas – nem sempre dão e com certeza não funcionam tão maravilhosamente assim! – mas porque é uma tentativa de fazer e pensar educação de uma maneira diferente, na verdade, da maneira em que ela tem realmente chance de dar certo, ou seja, voltada para as necessidades de um lugar, das pessoas que nele vivem e coerente com o mundo fora deste lugar.

### 3.1.1) O Poder

Nessas idas e vindas, percebo que não é exagero falar na convivência (em qualquer instância, seja doméstica, no ambiente de trabalho ou nas demais esferas sociais) como um duro desafio a ser vencido diariamente e na articulação das diferenças como o ponto mais complexo a ser trabalhado tanto no âmbito escolar quanto no doméstico e social, em geral, pois esta convivência esbarra na competição, assim como o respeito e articulação das diferenças encontram forte barreira nas relações de poder; poder este exercido por grupos políticos, sociais ou mesmo por aqueles com os quais convivemos mais estreitamente, tanto na família quanto no ambiente de trabalho.

No que tange à Educação, pode-se perceber o mau exercício do poder, por exemplo, quando analisamos as políticas públicas que mantêm e reforçam o caráter “preparatório” da mesma, e no lugar da construção gradativa (e permanente) do conhecimento e da ética – fundamental para a construção da noção de cidadania e responsabilidade social – o que se pratica é a “educação” (com *e* minúscula!) meramente depositária, de conteúdos muitas vezes tediosos e inúteis, que não leva, de forma alguma, o indivíduo a pensar, refletir e agir de forma crítica e dialética, nem mesmo a discutir informações e buscar compreender fórmulas. Desta forma, quando se estuda, estuda-se para a obtenção de um diploma, para passar num concurso, para conseguir um emprego, e só, numa busca de resultados imediatistas.

Ou mesmo quando coisas corriqueiras do cotidiano escolar, como a aquisição de materiais para a realização das aulas e alimentação, limpeza e manutenção de ferramentas e objetos

de trabalho, por exemplo, dependem da burocracia irritante da liberação de uma “verba” ridícula que nunca basta para atender a estas necessidades básicas.

Pensando nestes entraves, vamos ouvir o que Foucault, que estava de passagem na cidade e parou rapidamente para nos cumprimentar, nos tem a dizer em linhas gerais sobre o poder:

- O poder não se pode reter ou possuir e sim se exercitar ou praticar. O que existe são relações, práticas de poder.

O poder é, essencialmente, um ente que atravessa todos os cenários da vida humana; conceber o poder como existente em um determinado lugar, emanado de um determinado ponto, é deixar de considerar sua abrangência a um número considerável de fenômenos, sendo assim, um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado.

A natureza última do poder não pode ser apreendida senão onde sua intenção está totalmente investida: no interior de práticas reais e efetivas e na relação direta com seu campo de aplicação. Consequentemente não se deve tomar o nível macro como ponto de partida para sua análise, sem a multiplicidade de atos que diariamente são protagonizados pelo indivíduo. Não é algo a se precipitar sobre o indivíduo e a se encontrar institucionalizado nas formações sociais. Não importa tampouco se a legitimidade do mesmo emana dos interesses do grupo hegemônico ou se é produto da vontade da maioria.

Deve-se reconhecer a presença de pelo menos duas grandes esferas em que se agrupam as diferentes manifestações de poder, não perdendo de vista a extensão das mesmas. Uma estaria constituída pelas relações interpessoais, que não alcançam a totalidade dos integrantes de um grupo; a outra está caracterizada por formas institucionalizadas que

atuam como espaços fechados. Nesses casos, já não se trata do poder de um indivíduo sobre outro, mas de um grupo sobre outro. As duas esferas têm dinâmicas diferentes e geram formas de perpetuação e defesa diferentes.

Bem, tive que me meter de novo e tentar entender o que Foucault quis dizer com as tais esferas de poder:

- Então, Sr.Foucault, você parte do princípio de que existem dois planos nos quais se consolidam as práticas de poder, e onde cada um deles tem seus próprios mecanismos de legitimação, atuando como núcleos centralizadores e elaborando seu discurso e sua legitimidade. Um dos referidos planos está constituído pela ciência formal.

E sem esta ciência formal, sem a benção do sistema formal, não se aceita o conhecimento adquirido pela vivência e pela prática de uma atividade, não é mesmo, Tião?

- Estou aqui há 23 anos, desde a inauguração da Escola, mas não tenho os direitos dos professores que fizeram faculdade, pois eles não consideram professor quem não tem diploma. Sou contratado, e enquanto meu contrato estiver valendo, vou ficando; tô pra correr atrás dos meus direitos para a aposentadoria, não sei como isso vai ficar...

\*\*\*

Tião não pôde participar do único concurso público que houve para seleção de professores. É revoltante constatar que um homem tão cheio do verdadeiro conhecimento do mar não seja considerado um legítimo professor e não seja tratado como tal pelas “autoridades” detentoras do poder (político e intelectual), pois como ele não tem diploma, não é “dotô”, e por isso, não goza dos mesmos direitos dos que os que têm o “canudo”. Tem que trabalhar para o sistema formal mas não goza de seus privilégios, tendo que depender de suas redes sociais para sobreviver na informalidade, vai entender...



Figura 29 – Conversa com Tião, 2008. Foto da autora



Figura 30 – Mais conversa com Tião, 2008. Foto da autora.

- Como eu estava dizendo, o outro, pelo contrário, está formado por todos os demais elementos que podem ser definidos como integrantes da cultura. O ideológico, as diferenciações de gênero, as práticas discriminatórias, as normas e os critérios de normalidade estão dentro do segundo plano. Tanto um quanto o outro se refere a um tempo e um espaço determinado.

Sendo assim, a consolidação da sociedade moderna veio de uma transformação baseada na consagração de novos instrumentos pelos quais é possível canalizar o poder. De forma paralela, construiu-se um extenso conjunto de discursos que conferiram força e capacidade de expansão dessas novas formas de poder. Estas já não se baseiam, como no passado, na força e sua legitimação religiosa; o poder deve materializar-se por meio de diferentes formas de disciplina. É necessário que este passe a ser parte integrante do próprio indivíduo. O dominado deve considerar natural ser subjugado.

É como disse o grande poeta Gonzaguinha:

Você deve aprender a baixar a cabeça  
E dizer sempre “muito obrigado”  
São palavras que ainda te deixam dizer  
Por ser homem bem disciplinado  
Deve pois só fazer pelo bem da nação  
Tudo aquilo que for ordenado  
Pra ganhar um Fuscão no juízo final  
E um diploma de bem-comportado<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> “Comportamento geral”: Luiz Gonzaga JR.

O poder produz o real. Por possuir essa eficácia produtiva, o poder volta-se para o corpo do indivíduo, não com a intenção de reprimi-lo, mas de adestrá-lo. No entanto, todo poder pressupõe resistência. O poder não está em uma via de mão única.

Para alcançar essa meta, é preciso estruturar uma retícula de poderes intrincados que vão, a seu turno, conformando os indivíduos. O poder não possui uma única fonte nem uma única manifestação. Tem, ao contrário, uma extensa gama de formas. Quando um grupo social é capaz de apoderar-se dos mecanismos que regulam determinada manifestação, põe-na imediatamente a seu serviço e elabora uma estrutura que se aplica a potenciais dominados. Cria-se, desta forma, um discurso que se apresenta como “natural” e procura bloquear as possibilidades de aparição de outros discursos que tenham capacidade questionadora. Essa necessidade de se contar com um discurso de apoio, com uma determinada visão de verdade, leva necessariamente ao estabelecimento de uma relação entre poder e saber.

- Percebe-se facilmente então, Sr. Foucault, que na sociedade atual, o poder está intimamente ligado ao saber, à informação. Por isso mesmo o processo educacional como um todo se torna tão difícil de ser levado a cabo com relativo sucesso, pois compartilhar a informação, o saber, significa descentralizar o poder, e conseqüentemente, deixar de tomar exclusivamente para si as regalias e vantagens inerentes à dominação exercida através do mesmo.

Por outro lado, descentralizar o poder também significa o exercício contínuo e realmente profundo de algo que não é realizado verdadeiramente: o diálogo.

- Meus caros, a conversa está ótima, mas preciso ir embora. Até mais ver.

- Até, Sr. Foucault!

### 3.2) O Diálogo

Depois que Sr. Foucault se foi, a turma começou a trocar idéias sobre a importância do diálogo, não só no processo educacional, mas também em qualquer circunstância da vida onde haja seres humanos envolvidos, convivendo intimamente ou não.

Então, Buber fala com muita propriedade:

- O diálogo é uma das mais poderosas formas de exteriorização da relação, mas isto não quer dizer que esta relação seja sempre a relação dialógica.

A relação dialógica não é tão somente o relacionamento dos homens entre si, mas é o seu comportamento, sua atitude um – para – com – o – outro, cujo fundamento primeiro é a reciprocidade da ação interior, ou seja, como e quando o outro interfere positiva ou negativamente, no modo de pensar do interlocutor e agrega valores e visões aos deste, e vice – versa.

Quando se fala em diálogo no senso comum, comumente reporta-se primeiro à palavra falada, no entanto, a palavra falada é uma das exteriorizações do ato de dialogar, é um de seus veículos.

Sendo assim,

O diálogo humano pode, pois, existir sem o signo, apesar de ter neste, isto é, no som e no gesto, a vida que lhe é própria (a letra pertence ao campo do signo somente em casos especiais, como, por exemplo, numa reunião, quando os amigos fazem circular entre si, pela mesa notas descrevendo o clima reinante); essa existência sem signo, todavia, não tem forma objetivamente captável. (BUBER, 2007: p.36)

E pode-se claramente perceber o diálogo ocorrendo através do olhar e das expressões corporais de várias ordens.

Neste tocante, até mesmo o mais absoluto silêncio pode ser uma forma contundente de diálogo, de expressão e de imersão um – no – o – outro, desde que este silêncio mova o interlocutor interiormente num processo de reflexão.

Então,

Assim como o mais ardoroso falar de um para com o outro não constitui uma conversação (isto é mostrado claramente naquele esporte estranho, denominado com justiça de discussão, de fragmentação, praticado por pessoas razoavelmente dotadas de intelecto), assim, por sua vez, uma conversação não necessita de som algum, nem sequer de um gesto. A linguagem pode renunciar a toda mediação de sentidos e ainda assim é linguagem. (BUBER, 2007: p.35)

Existem diálogos que não os são em essência, o que, aliás, parecem os mais predominantes hoje em dia, talvez bem ao estilo “Sinal Fechado”<sup>10</sup>:

Me perdoe a pressa  
É a alma dos nossos negócios  
Oh! Não tem de quê  
Eu também só ando a cem  
Quando é que você telefona?  
Precisamos nos ver por aí  
Pra semana, prometo, talvez nos vejamos  
Quem sabe?  
Quanto tempo... pois é... (pois é... quanto tempo...)  
Tanta coisa eu tinha a dizer  
Mas eu sumi na poeira das ruas

---

<sup>10</sup> Alusão à música “Sinal Fechado”, de autoria de Paulinho da Viola.

Eu também tenho algo a dizer

Mas me foge a lembrança

Penso que o diálogo se manifesta sob três formas, a saber:

O Diálogo Autêntico, que é aquele em que ocorre o movimento de voltar-se – para – o – outro. Através dele vai-se em direção ao outro com o objetivo de percebê-lo em suas características e particularidades, a fim de estabelecer uma relação viva (este movimento ocorre em cada um dos participantes).

Este diálogo autêntico é aquele que não somente informa, mas forma um indivíduo que tem a capacidade de questionar o mundo exterior e interior (autoconhecimento), formular e interpretar pensamentos e sentimentos, articular seu saber técnico, ético e emocional (ciência, razão e afetividade) em prol de si mesmo e de seu meio, sendo um multiplicador do saber humano.

No processo educacional, tem sido levado em conta, mesmo assim com muitas deficiências, somente o aspecto formativo e intelectual, como se a formação do indivíduo prescindisse dos aspectos morais e afetivos da Educação, reforçando a idéia (incompleta) de que a escola (em todos os níveis, a saber, Fundamental, Médio e Superior) é o lugar onde se deve processar somente a formação intelectual.

A formação intelectual é de fato a principal tarefa de que se deve ocupar a escola, no entanto, esta formação intelectual deve se basear no ensino de conteúdos curriculares e programas que visem preparar pessoas bem informadas e críticas.

\*\*\*

Bem, eu estava “atenada” nas palavras de Buber, quando pedi para Heloísa falar de suas experiências. Então eu disse:

- É exatamente isto que está por trás do que pensa Heloísa. Conta para nós um pouco da sua experiência aqui. Você sempre estudou aqui na Escola de Pesca?

-Não, só o ano passado.

- Só o ano passado...Então você só fez a 8ª série... Antes de vir pra cá, você estudava em qual escola?

- Filomena.

- E você voltou para o Filomena?

- Voltei.

- O que você achou de parecido nas escolas?

- Ah, de parecido... tem alguma coisa de parecido... A comida não é tão parecida assim, mas, sei lá, é..., não é igual assim, mas não é ruim também não, a comida eu acho... mas a coordenação de lá é muito diferente daqui.

- Me conta um pouquinho disso aí. Como é a coordenação de lá e como é a coordenação daqui (Escola de Pesca) para você?

- Ah, sei lá a coordenação daqui era mais, sei lá, assim, como se fala, quando tava acontecendo alguma coisa com a gente, eles pegavam as nossas coisas e ficavam com a gente e a coordenação de lá não ajuda muito nisso, não conversa muito com a gente, assim...

- Então você sente falta disso, quer dizer, se acontecesse algum problema , você podia chegar aqui e conversar com alguém que ia te ouvir.

- É... e lá não tem muito isso.

\*\*\*

O que se observa atualmente é uma grande descaracterização da Educação, que não pode abraçar sozinha a responsabilidade da construção da cidadania. A verdadeira cidadania requer a participação fundamental do governo, das organizações sociais e da família, juntamente com a da escola.

Obviamente, a formação moral e afetiva do indivíduo tem seus alicerces edificados no âmbito familiar, o que não quer dizer que a escola e demais organizações sociais não possam e não devam contribuir para que tais bases se tornem mais sólidas e consistentes.

Depois de uma pausa na fala de Heloísa , me voltei para Teixeira para ouvi-lo:

- Então, Senhor Teixeira, seu pensamento vem ao encontro destas reflexões quando o Senhor constata que a Educação tem como um dos objetivos principais redistribuir os homens pelas ocupações, jamais prescindindo do exercício de estímulo de interpretação da própria vida.

- A sua função é a de prepará-los, pela aquisição de conhecimentos e práticas de natureza técnica, para os diversíssimos tipos de trabalhos da vida atual. Nem sempre, entretanto, foram as escolas, assim, laboratórios e oficinas. No passado, eram muito mais casas de saber literário. Preparavam homens de cultura, que se iam devotar aos trabalhos de especulação e de imaginação, preocupados em formular os sentimentos, as aspirações e os pensamentos de uma época ou civilização. As escolas formavam o quadro intelectual da

nação, o quadro dos cultores e divulgadores do saber humano: professores, escritores, poetas e filósofos. (TEIXEIRA, 1997: p.43)

- É, Heloísa, você está numa sintonia perfeita com as falas de Buber e Teixeira. E a questão do ensino, como é lá e como era aqui (Escola de Pesca)?

- Lá é mais rígido, é mais puxado.

- Mas aqui você não achava bom?

- Não, aqui é ótimo também, é ótimo o ensino daqui, maravilhoso, mas lá é mais difícil ainda.

- O que você aprendeu aqui, você consegue enxergar onde pode usar, como pode usar, fora da escola?

- Eu acho que sim.

- Mas mais ou menos do que lá? Se você tivesse que sair de lá hoje p usar tudo aquilo, como “eu vou usar isso para resolver esse problema”, você consegue enxergar melhor onde pode usar?

- Eu acho que não.

Heloísa se calou e Buber retomou a palavra:

- Tanto eu quanto Teixeira nos preocupamos com o diálogo, no qual os participantes do processo de ensino – aprendizagem estabeleçam uma relação em que todos possam se inserir e contribuir para o crescimento uns dos outros, além, naturalmente, da relação de troca e aquisição intelectual.

Continuando, há também o Diálogo Técnico, aquele que ocorre quando os participantes têm por fim tão somente a necessidade de entendimento acerca de um fato objetivo, seja ele profissional, científico, uma informação, etc.

Vive-se em um mundo no qual a competitividade excessiva e a busca incessante por resultados quantitativos relegaram o pensamento questionador e especulativo a um patamar meramente teórico. Tal diálogo simplesmente técnico, no qual destaco a falta de percepção do outro enquanto pessoa com quem temos a ver encontra perfeita sinergia nos pensamentos de Teixeira, não é mesmo, caro amigo?

- É verdade...

Às grandes épocas da cultura imaginativa da humanidade sucedeu a época das grandes realizações técnicas, baseadas no progresso das ciências. A inteligência especulativa, os grandes mestres da poesia, os grandes intérpretes da vida, os formuladores de valores para a direção da humanidade foram, sistematicamente, relegados do campo intelectual, onde se inscreveu o dístico do nosso tempo: “quem não for homem da ciência não entra”. (TEIXEIRA, 1997: p. 43)

- Só para lembrar, a percepção do outro não quer dizer em momento algum a concordância absoluta ou convivência com tal modo de pensar e agir, e sim o não se colocar na posição de superioridade em relação ao outro. Quer dizer não aceitar deliberadamente todas as suas posições diante dos fatos e das coisas e ao mesmo tempo não desprezar aquelas que podem nos ajudar a ver os fatos e as coisas sob um ponto de vista menos arraigado e exclusivista. Bem, deixem-me continuar o raciocínio, pois estou quase praticando uma forma de diálogo pela qual não tenho simpatia alguma: o monólogo.

No Monólogo os participantes, na verdade, falam cada um consigo mesmos; estão reunidos, mas não unidos, não em relação, voltados um – para – o outro.

O outro, na sua singularidade, não deve ser “parte do meu eu”, ou seja, não se deve aceitá-lo somente se este, de alguma forma, se adequar à nossa visão de mundo, de vida. O homem que está diante de nós jamais poderá ser meu objeto; nós “temos algo a ver com ele”. O outro deve ser aceito e visto como um indivíduo com suas próprias visões e realidades. Chamo essa relutância em aceitar o outro, em sua peculiaridade, de dobrar-se – em – si – mesmo. Não necessariamente sinônimo de egoísmo, que consiste em ocupar-se de si mesmo.

O egoísmo é a representação drástica do dobrar-se – em – si – mesmo, e ocorre com muita frequência no cotidiano educacional, quando, por exemplo, um professor não adéqua suas práticas pedagógicas às necessidades e à realidade cognitiva de seus alunos, ministrando sempre as mesmas aulas, sem modificá-las em absolutamente nada, tendo sido (há muito tempo, possivelmente) “planejada”, com certeza, sem levar em conta as necessidades deste, sem que se veja e se trabalhe com este aluno como este realmente compreende as informações, com suas vivências e experiências, ignorando e, em outros momentos, “castrando” mesmo sua forma singular de expressão e de visão do mundo.

\*\*\*

Buber fez longa pausa, voltando o olhar para a praia, e parecia se recordar de alguma coisa muito cara, pois seus olhos umedeceram, e aproveitando este momento, não pude deixar de expor minhas impressões, quando disse:

- Mais uma vez, senhores, é preciso deixar bem claro que partir do interesse do aluno não significa, de modo algum, ensinar somente o que ele quer aprender e no momento em que bem entende, o que seria uma grande leviandade, e sim considerá-lo o foco do processo educacional, avaliando o que ele já sabe a respeito do assunto a ser trabalhado como uma forma de levá-lo a um nível maior de conhecimento.

Ou seja, sempre que se tenta descrever ou definir alguém (no sentido pejorativo de “rotular”), esse alguém deixa de ser ele mesmo, através do nosso olhar. Descaracterizamos o TU da relação e o relegamos ao ISSO.

Sendo assim, Teixeira, sua fala vem justamente ao encontro da visão dialógica de relação presente no pensamento buberiano, pois a práxis escolar comum é aquela em que o sujeito que aprende (aluno) é visto e tratado como alguém que prescinde da reciprocidade; adéqua-se o aluno a uma realidade já pensada, pronta e trabalhada *a priori* e à sua revelia.

O que se ensina (ou melhor, se transmite) são informações digeridas, metodologias prontas, onde imperam o diálogo técnico ou o monólogo.

No entanto, é sabido que o aprendizado só ocorre quando, tanto o aluno quanto o professor discutem, problematizam e estudam juntos as informações que se propõem a aprender e ensinar, respectivamente, assim, como métodos e estratégias de resolução.

E estabelece-se neste processo a relação genuinamente dialógica, pois professor e aluno voltam-se um para o outro, quando trocam experiências, impressões e conclusões sobre o que se aprendeu, e mais, criam um vínculo que extrapola as paredes da sala de aula, pois o aluno percebe que o professor se preocupa em conhecer suas necessidades e expectativas em relação ao aprendizado.

O professor, por sua vez, sente-se gratificado e muitas vezes constata que aprendeu com seu aluno uma nova maneira de enxergar uma situação. Ambos crescem e interagem como indivíduos que promovem o conhecimento.

Falando em professores, você ainda tem contato com os professores que foram seus aqui na Escola de Pesca, Heloísa?

- Tenho.

- Você fala com eles, liga?

- Ligar não, eu venho aqui visitar.

- Você ainda tem contato com os seus colegas daqui?

- Tenho muito.

- E como é esse contato? Você liga? Vai a casa deles?

- Não... é que tem a minha prima, tem uma colega que eu ligo às vezes e muitas vezes eu venho aqui.

- Como é que a sua família se relacionava aqui com a Escola de Pesca? Quem cuida de você vinha aqui de vez em quando conversar?

- Vinha a minha mãe, quando era chamada para vir aqui.

- Muitas ou poucas vezes?

- Poucas vezes.

- Você percebia se sua família gostava daqui?

- Minha mãe adorou aqui, ela disse que se tivesse Ensino Médio eu estudaria ainda aqui.

- Você acha que aprendeu algo de bom com os professores aqui?

- Ah, muita coisa... Tipo assim, Tião dava aula para a gente, e quando tinha aula vaga, a gente ficava perto dele e aprendia coisas boas, é, Neraldo também a mesma coisa, muita coisa...O que eu aprendi aqui tem utilidade.

- Qual é a importância da escola na sua vida?

- Eu acho que um pouco das matérias, porque, tipo, assim, a Matemática serve para a gente fazer qualquer coisa, Português também, acho que é isso.

- E sobre o tempo que você passou aqui estudando, o que você esperava? As suas expectativas foram satisfeitas?

- Logo que eu entrei aqui eu fiquei meio assim..., ainda tava desanimada, querendo sair daqui, aí depois não, fui me acostumando e no ano passado, se eu pudesse ficar reprovada para mim era uma coisa boa, entendeu? Porque eu gostava daqui...

\*\*\*

Desta forma, não se associa, ainda, como é necessário e urgente, os conteúdos de cada disciplina com um currículo bem definido em cada rede (municipal, estadual ou federal), com o devido detalhamento do que ensinar em cada série e disciplina. Isto tem feito muitas escolas trabalharem sem uma proposta pedagógica objetiva e clara.

Por outro lado, como já disse antes, existem vários fatores a serem considerados em relação ao aluno para que a aprendizagem seja um acontecimento real, e não esse “finge que ensina que a gente finge que aprende”, do contrário, gerações e mais gerações de

peessoas emocionalmente inseguras e intelectualmente frágeis continuarão sendo “despejadas” na sociedade, que se retro-alimenta desse processo fracassado e doentio.

A Educação tem, então, como finalidade, enquanto falamos de indivíduo, problematizar, questionar e filtrar o conhecimento para o educando, no intuito de promover a relação de diálogo autêntico entre seus atores.

Deve-se destacar que nenhum de nós aqui presentes, muito menos esta professora que vos fala, defende uma Educação permissiva, no estilo *laissez – faire*.

Bem, estava eu falando pelos cotovelos e, quando me voltei para o Professor Teixeira, ele fez uma observação muito interessante sobre essa falsa “educação liberal”.

\*\*\*

- Professor Teixeira, achei muito interessante que Heloísa tenha preferido ficar reprovada para continuar na Escola, e estive pensando sobre esta moda que existe hoje em dia de não poder falar nada nem admoestar a criança ou o jovem, por medo de traumatizá-lo, e com isso, vão se perdendo os referenciais de respeito e limites. Isso me preocupa cada vez mais...

- Sua preocupação é justa.

Detectada a necessidade de redirecionar a Educação para que esta deixasse de ser exclusivamente uma ‘linha de montagem’ de alunos – informação, tentou-se, ...passar daí para o domínio da escola onde não se faz senão o que der na veneta, onde tudo seja prazer no sentido pejorativo e flácido desse termo’ substituindo, desta forma, ‘o regime do

compulsório, desagradável e deseducativo da escola tradicional pelo regime do caprichoso, extravagante e igualmente deseducativo de uma falsa escola nova. (TEIXEIRA, 2000: p.18)

\*\*\*

Tal preocupação, que é minha e de muitos outros profissionais da Educação, encontra eco no pensamento de Buber. BARTHOLO *et al* (2010) afirma que para Buber, associar totalmente o processo pedagógico com o desenvolvimento da livre criatividade seria conduzi-lo perigosamente a uma existência alienada e solitária. É justamente a alteridade que constitui a condição humana por excelência e interage com o mundo de diversas maneiras, num dinâmico processo de diferentes influências e interações.

Ou seja, para ambos os nossos velhos camaradas Buber e Teixeira, uma Educação baseada somente na criatividade não direcionada, contribui para que o educando não consiga enxergar nada além de si próprio, e mesmo assim, de maneira distorcida.

Tal fato é terrivelmente nefasto, pois, além de tornar o educando alienado de suas reais necessidades, transforma-o gradativamente em uma pessoa incapaz de enxergar profundamente seu semelhante.

Por outro lado, deve-se lembrar que a relação dialógica, tal qual preconizava Buber, jamais será possível se os indivíduos envolvidos (alunos e professores) não praticarem o exercício contínuo de identificar suas próprias necessidades, anseios e questionamentos, buscando o auto – aperfeiçoamento moral, ético, intelectual e afetivo. Do contrário, como poderão estabelecer adequadamente a relação de um – para – com – o – outro se não conseguem identificar com clareza e trabalhar suas próprias necessidades e peculiaridades?

A gravidade desta questão aparece em situações extremamente simples, como, por exemplo, um aluno de EJA<sup>11</sup> que não se interessa em saber lidar com segurança com as 4 operações, pois acha muito “chato” fazer contas, ou não se preocupa em falar corretamente seu idioma, ou se empenha em tornar o ambiente a sua volta um caos disciplinar. Ele não identifica em si mesmo a importância de realizar cálculos que utilizará em seu cotidiano, assim como não aprecia a linguagem bem posta, mesmo simples, e muito menos percebe ou quer perceber que suas emoções são confusas e turbilhonadas, necessitando esforço contínuo de autocontrole.

Com o professor ocorre fenômeno semelhante (“já estudei o que tinha que estudar”, “não sou pago para isso”, “não adianta nada trazer uma perspectiva diferente para esses alunos”, etc.). Tive a oportunidade de ouvir dos lábios de um colega de trabalho, no momento do intervalo para o cafezinho com bate – papo na sala dos professores, a seguinte “pérola”, própria de quem deveria estar atuando em qualquer outra área, menos na Educação:

*- Se a gente mudar a cor do capim, o aluno não come mais achando que o mato tem outro gosto.*

Sem comentários!...

\*\*\*

Buber e Teixeira trocavam impressões sobre as tendências naturais que o homem deve desenvolver a fim de adquirir meios que o permitem interagir com seu habitat e seus semelhantes de maneira positiva, quando Teixeira diz que:

---

<sup>11</sup> Educação de Jovens e Adultos.

- O postulado fundamental da teoria moderna da educação é o de que a natureza humana tende, normalmente, a se realizar a si mesma. E que essa realização exige disciplina, método, controle de si mesmo e do meio ambiente, e para isso esforço, tenacidade, paciência, coragem e sacrifício – o homem tende a essas virtudes pelas próprias características de sua natureza. (TEIXEIRA, 2000: p.19)

Então, Buber responde:

- Durante período em que se está em contato com o outro, descrevo três formas pelas quais é possível perceber a pessoa que está diante de nós, independentemente se esta pessoa saiba ou não qualquer coisa a nosso respeito.

A primeira destas maneiras é a *observação*. O observador é aquele que “disseca” o outro e concentra-se unicamente em perceber-lhe todos os traços possíveis, num processo cartesiano de análise daquele que está diante de seus olhos. A percepção do observador é minuciosa e perscrutadora, tornando aquele a quem observa um ser totalmente separado de sua vida pessoal, portanto, um “objeto” a ser estudado.

\*\*\*

Como eu não poderia deixar de dar minhas “opiniões”, não resisto, tenho que falar (ou melhor, escrever!). As concepções de Buber, profundamente filosóficas e aparentemente dissociadas de nossas atividades pedagógicas, podem descrever com precisão tudo o que ocorre em sala de aula, tanto no aspecto cognitivo quanto no aspecto afetivo, em consonância com as ideias de Teixeira.

Esta postura observadora ocorre com mais ênfase nos primeiros dias letivos, onde o professor, diante de uma nova turma, ou mesmo diante de alunos que já foram seus no ano anterior, procura observá-los mais detidamente com o objetivo de estabelecer estratégias e metodologias de ação ao longo do ano.

\*\*\*

E Buber continua:

- A segunda maneira de percepção é a *contemplação*. O contemplador, ao contrário do observador, não está concentrado. Este se coloca diante do outro numa postura despreocupada com qualquer análise, não esperando nada específico daquele a quem se apresenta. O contemplador fica à vontade e não está nada temeroso de esquecer alguma coisa.

- Pode-se também verificar esta postura no dia-a-dia escolar, eu mesma já presenciei inúmeras vezes meus colegas professores, utilizando os mais diversos argumentos, não se dando ao trabalho de fazer nada mais além de explicar a matéria e corrigir os exercícios propostos, quando o fazem.

\*\*\*

Vale chamar atenção para o fato de que, em momento algum, Buber coloca que estas formas de percepção são boas ou más, e ousou afirmar que são perniciosas quando praticadas de forma exclusiva e absoluta.

O que cabe destacar é que, ao adotar-se uma postura predominantemente observadora ou contemplativa, o processo ensino – aprendizagem não atende ao que deveria ser sua

principal meta: a de formar não somente homens possuidores de conhecimento e informação, mas cidadãos éticos e preocupados com a construção de um organismo social menos discrepante e injusto.

Por sua vez, Anísio Teixeira deixa clara sua proposta de construção de uma escola pública onde estas metas devem ser trabalhadas até serem atingidas, onde a Educação verdadeiramente comprometida com a formação do homem ético, socialmente responsável e com habilidades técnicas comece a se delinear e a se consolidar.

A mera observação e a contemplação pura e simples só colaboram para a perpetuação da Educação escolástica, estéril e desvinculada da realidade do educando e da realidade do seu entorno social. E é exatamente a esta Educação escolástica que Anísio Teixeira se opõe ferrenhamente, defendendo a criação da escola – pública – que não seja segregadora e especializada na preparação de intelectuais e teóricos, mas que seja a “*agência de educação dos trabalhadores comuns, dos trabalhadores qualificados, dos trabalhadores especializados em técnicas de toda ordem e dos trabalhadores da ciência nos seus aspectos de pesquisa, teoria e tecnologia.*” (TEIXEIRA, 2000)

Teixeira, em sua obra intitulada *Educação não é privilégio*, diz que:

Regulares e sistemáticas são as formas arcaicas do ensino pela “exposição oral” e “reprodução verbal” de conceitos e nomenclaturas mais ou menos digeridos por simples “compreensão”, as quais dominam em boa parte a escola primária e, esmagadoramente, a escola média, sobretudo a secundária, e a maior parte das escolas superiores. (TEIXEIRA, 2007: p. 50)

Por outro lado, alguns conteúdos considerados mais abstratos, não devem ser excessivamente valorizados, mesmo sendo obrigatórios na grade curricular; então não é

tarifa do professor buscar, de forma obsessiva, contextualizar forçadamente todo o conteúdo de determinada disciplina. Até mesmo porque alguns são tão inúteis para o aluno que mesmo que uma contextualização fosse possível, seria totalmente dispensável.

O grande desafio do professor consiste em construir com os alunos a visão geral da importância e da relevância que cada disciplina desempenha na construção das várias instâncias do conhecimento humano, e não enfatizar pormenores que só são de interesse e valia para os respectivos especialistas.

Em outro trecho, constante da mesma obra citada, Teixeira vem ao encontro de Buber quando descreve a prática predominantemente observadora e/ou contemplativa adota no espaço escolar:

A atividade escolar consiste em “aulas”, que os alunos “ouvem”, algumas vezes tomando notas, e “exames” em que se verifica o que sabem, por meio de provas escritas e orais. Marcam-se alguns “trabalhos” para casa e na casa se supõe que o aluno “estuda” – o que corresponde a fixar na memória quanto lhe tenha sido oralmente ensinado nas aulas (TEIXEIRA, 2007: p. 50)

\*\*\*

Estava ouvindo atentamente as idéias de Buber, quando este me disse:

- A terceira forma de percepção é a tomada de conhecimento íntimo. Esta vai muito mais além, possibilitando que o outro se torne presença para aquele com quem toma contato.
- Então quando você se refere à presença, Buber, quer dizer aquela que torna o outro um possível agente de mudança para seu interlocutor, e vice-versa. Desta forma, torna-se possível estabelecer reciprocidade, ou seja, passamos a ter a ver com o outro.

- Certamente! E a idéia de reciprocidade permeia o processo de estabelecimento de uma educação acessível e de qualidade, onde todos os atores do processo ensino – aprendizagem desenvolvem não só o saber, o conhecimento, mas passam a despertar para a importância e responsabilidade que cabe a cada um deles na concepção de uma sociedade menos alienada e mais integrada com suas necessidades, como é o sonho de Teixeira. Mudando um pouco o rumo da prosa, vamos conversar um pouco sobre o que seja Educação, acho que o assunto é importante e muito interessante; o que vocês acham?

- Concordamos plenamente! – dizem todos em coro.

## **4. OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO**

**“Eu tenho orgulho de ser pescador, porque se eu não valorizar minha profissão, quem é que vai valorizar?”**

Izaías, pescador local e ex-aluno

Agora conversaremos sobre os objetivos da Educação segundo ambos, através da análise de suas respectivas propostas pedagógicas.

## CAPÍTULO 4

### 4.1) Alguns dos muitos significados da Educação

Embora não seja objetivo desta conversa discutir ou aprofundar o conceito de Educação, peço licença a meus dois mestres do barco das idéias para levantar algumas visões consolidadas sobre este assunto ao longo do tempo.

É impossível pensar em um sentido exclusivo e absoluto de Educação, uma vez que seus fundamentos são variáveis, de acordo com o lugar, época, povo, visões políticas e ideológicas, etc.

Se voltarmos no tempo, poderemos verificar, por exemplo, que para Platão, *“uma boa educação consistia em dar ao corpo e à alma toda a beleza e toda a perfeição de que são capazes.”*

Os espartanos concebiam a Educação voltada exclusivamente à formação militar, com vistas à preparação de guerreiros, onde não havia espaço para a arte e a literatura; os atenienses enfatizavam uma visão universal de cultura; os romanos, por sua vez, valorizavam a formação voltada para o patriotismo, em seus objetivos de expansão territorial.

Sócrates percebia na Educação uma função social, onde a forma como as idéias eram disseminadas e como poderiam modificar a sociedade, numa combinação de moralidade e intelecto, eram o ponto fundamental de seu conceito.

Saltando no tempo, a Renascença trazia à tona a idéia de que o homem deveria estimular e desenvolver todos os seus interesses, fossem eles físicos, mentais, estéticos e espirituais, onde o Humanismo torna-se um dos movimentos mais significativos da Educação.

O fim do século XIX e início do século XX testemunharam mudanças profundas, onde as estruturas políticas, até então razoavelmente sólidas, assumem outras formas.

A monarquia desaparece na quase totalidade dos países que a adotavam e as democracias se viram alcançadas pelo fascismo e pelo comunismo; nesse período, ocorrem duas Grandes Guerras mundiais, no entanto, nada disso constituiu em impedimento para o desenvolvimento científico e tecnológico.

De qualquer forma que se leve em consideração incertezas e dúvidas sobre como educar nestes novos tempos, duas perguntas cruciais devem nortear as práticas educacionais e qualquer reflexão a respeito da Educação:

I) Para quem ensinar?

II) O que ensinar?

Convidamos o leitor para pensar nestes questionamentos conosco, pois ainda estamos eu, Teixeira, Buber, a galera da Escola de Pesca e outros velhos camaradas<sup>12</sup>, sentados sob os coqueirais da praia de Piúma, saboreando um belo vermelho na brasa com caldo de camarão, regado à água de côco, admirando o pôr-do-sol, trocando alguns dedos de prosa..

---

<sup>12</sup> Alguns convidados especiais participarão deste bate-papo, como Niskier e Illich.



Figura 31 Pôr do sol na Praia de Piúma, 2008. Foto da autora.

#### **4.2) A Filosofia da Educação**

Este bate-papo com Niskier foi sensacional...

- Quando penso no poder da Educação, dentro e fora da sala de aula, vejo que esta pode ser uma potente ferramenta tanto de emancipação quanto de subserviência; no primeiro caso, estimula o desenvolvimento de um indivíduo crítico e reflexivo, no segundo, torna-o parte da massa.

De qualquer modo, como professora, percebo que a Educação envolve aspectos éticos, epistemológicos e até mesmo metafísicos. Para explicar meus devaneios, peço ajuda a Niskier, que acaba de chegar. Por favor, meu caro, a palavra é sua.

- Quando se considera a motivação da aprendizagem ou os objetivos da Educação, fala-se de problemas éticos, que visam discutir valores ou julgar comportamentos. Procura-se estabelecer princípios que permitam decidir quais as ações e qualidades são mais nobres, e são resultado de um contexto social ou político ou de esferas religiosas e morais.

Considerando-se o aspecto epistemológico, a Educação trata da natureza do conhecimento (ou seja, sua origem, estrutura, métodos e validade) e de como este é organizado e ensinado; tal aspecto trata também de um pensamento analítico, concentrando-se nas palavras e no seu significado.

A dimensão metafísica da Educação aborda a natureza do homem ou a existência de algum fator que a afete. A metafísica baseia-se na insatisfação sobre a natureza real do mundo no qual a Educação se realiza, sendo um pensamento sistemático sobre tudo o que existe.

Englobando-se estes três aspectos, a Filosofia da Educação torna-se um ramo da Filosofia formal, modificada por idéias que se destacam de todas as áreas do empreendimento educacional.

Sendo assim, a Filosofia pode contribuir profundamente à compreensão da Educação e não se restringe em uma só definição.

A Filosofia da Educação, ocupando-se dos problemas da Educação, possibilita a percepção do mundo em constante mudança, não aceitando que os objetivos educacionais sejam fixos e imutáveis. Propõe uma reconstrução permanente da experiência e um crescimento progressivo da Educação. No entanto, a natureza interfere neste processo, o que faz com que a Educação se concentre no *aqui* e no *agora*.

Desta forma, a Educação deve ser constituída de uma tomada de posição clara sobre a problemática educacional em todos os níveis e não deve ser confundida com a administração escolar, organização curricular e temas afins. (NISKIER, 2001)

- Você traduziu meu pensamento bagunçado brilhantemente, muito obrigada, caro amigo!

### **4.3) Conseqüências sociais da Educação**

Fiquei empolgadíssima conversando com Buber e Teixeira. Soltei as idéias no verbo:

- A Educação é um processo social e este constitui uma das mais importantes dimensões de qualquer filosofia da Educação. A Educação é variável segundo a concepção de como os indivíduos se relacionam uns com os outros. A diversidade de relações sociais conduz a diferentes práticas educacionais.

Em algumas escolas, a Educação é fortemente individualizada; em outras, o professor é uma figura autocrata, sendo tal fato um reflexo da relação entre o professor e a administração da escola.

Se em algumas escolas o professor coopera na divisão de responsabilidades e na organização da política educacional, em outras é esperado que ele cumpra a política determinada pela direção.

Tais concepções são fruto de tendências políticas ou de como se julga que o poder deveria ser distribuído e controlado.

Diante deste quadro desanimador, o que meus dois pensadores me dizem, enquanto a tardinha cai e a água de côco ainda está bem gelada?

- Ensinar se fez sinônimo até de castigar. “Deixa estar que eu lhe ensino” ou “deixa estar que a vida lhe ensinará” significa “deixa estar que a visa o castigará”. A escola se fez, assim, não a instituição ajustada às demais forças espontâneas e diretas de educação pela participação, que existiam e sempre existem na sociedade; mas, uma agência especial, destinada a inculcar artes e conhecimentos desligados e abstratos de suas funções reais na vida e, como tais, sem sentido, e porque sem sentido, difíceis de aprender, exigindo disciplina e castigos especiais. Está claro que esta escola não representa a sociedade e que

seus padrões não são rigorosamente os padrões da sociedade. Mas, a despeito de tudo, tal escola se situa dentro da sociedade, os seus professores pertencem à sociedade, as suas crianças não vêm de outro planeta, mas da sociedade que os envolve, os nutre, e, a despeito de tudo, os forma. (TEIXEIRA, 1976: p.60)

- Assim, educação é a preparação para o sentido de comunidade, na vida pessoal e com a vida pessoal, introduzido a partir desta vida naquilo que existe hoje, na sociedade, neste mecanismo ou como se queira chamar. Estas sombrias descrições da atual condição têm, no entanto, para mim, algo de desencorajador, na medida em que facilmente nos levam a ignorar o “aqui e agora” da experiência, da possibilidade, do momento, toda a fecundidade do momento. (BUBER, 1987: p.89)

Também penso que a educação tem como compromisso deixar para trás uma visão meramente conformista dos indivíduos às exigências sociais, e precisa assumir como condição primeira a formação de uma consciência unificada, capaz de lidar com situações concretas, sempre procurando, quando possível, estender o sentido de comunidade às esferas sociais, amenizando, desta forma, as relações onde predomina o EU-ISSO, a falsa relação baseada apenas nos interesses imediatistas e objetivos.

- Buber, meu caro,

Que enormes, pois, são as novas responsabilidades da escola: educar em vez de instruir; formar homens livres em vez de homens dóceis; preparar para um futuro incerto e desconhecido, em vez de transmitir um passado fixo e claro; ensinar a viver com mais inteligência, com mais tolerância, mais finamente, mais nobremente e com maior felicidade, em vez de simplesmente ensinar dois ou três instrumentos de cultura e alguns manuaizinhos escolares... (TEIXEIRA, 2000: p. 42)

- Sim, Teixeira!

É para isto que a educação para a comunidade educa. Ela conduz, pois, dos contatos indiretos entre os homens, às relações diretas, dos contatos movidos por interesses para relações cujos fins são elas mesmas, pois todos os falsos relacionamentos que mencionei não acontecem somente entre os adultos, mas também entre as crianças. (BUBER, 1987: p.93)

- A aprendizagem do processo educativo não tem outro fim, senão o de habilitar a viver melhor, senão o de melhor ajustar o homem às condições do seu meio. (TEIXEIRA, 2000: p.63)

\*\*\*

Sei que não é elegante interromper a conversa, mas não posso me furtar a registrar minhas observações.

Quando fui até Piúma e lá estive fazendo todo o trabalho investigativo, me deparei com pessoas totalmente diferentes, numa realidade totalmente diferente daquela na qual estava acostumada, e me encantei com o que vi e ouvi.

Infelizmente, a Educação em nossa sociedade atual tem como foco a formação geral, enfatizando conteúdos e objetivando a formação de indivíduos que deverão ser detentores do conhecimento. As escolas comuns, em sua quase totalidade, formam e educam indivíduos cujo conhecimento que adquirem é a própria finalidade da Educação, ou seja, o aluno sai da escola, não raro sem saber o que fazer das informações e do conhecimento que adquiriu, ou memorizou. Esta é minha maior angústia enquanto profissional da Educação, pois nossas políticas educacionais visam somente o saber e o conhecimento como

finalidade – e assim mesmo nem sempre este saber e este conhecimento são selecionados de modo a serem realmente relevantes para o aluno – , os índices quantitativos de aprovação baseados numa extensa grade curricular e a preocupação em apresentar números – de alunos em sala de aula, de alunos aprovados, de alunos reprovados, evadidos, de alunos que alcançaram tal ou qual resultado em olimpíadas e provas seletivas, etc. – se tornaram mais relevantes do que o aluno e o professor, do que a escola...

Fico cada vez mais apavorada e amargurada ao ver que nós, alunos e professores, estamos sendo gradativamente transformados em executivos e a escola numa empresa, cuja “educação” – com *e* minúscula! – é o principal produto a ser comercializado.

Conversei com muita gente em Piúma, e o que mais me chamou a atenção foi perceber que a Escola de Pesca, dentro de suas limitações e problemas, fazia mais do que simplesmente educar jovens para o ofício da pesca; fazia mais do que atender à demanda sócio-econômica da região, no que se refere à pesca; ia além da Educação voltada para as necessidades e o perfil da região.

O grande diferencial da Escola de Pesca em relação à escola comum é a preocupação em trabalhar o conhecimento e tentar articulá-lo com as necessidades do ofício de pescador, desta maneira formando pessoas, enraizadas no mundo real, concreto, que adquirem tal conhecimento utilizando-o como meio para se chegar a um fim bem claro: a valorização da pesca como profissão e até mesmo arte, a valorização do pescador como pessoa e de suas experiências; o homem, o pescador é o foco do processo educacional

Esta Escola mostrava que era possível respeitar as características da região, era possível travar contato com um ofício injustamente marginalizado e elevá-lo à sua devida

importância e mesmo não o elegendo como profissão, respeitá-lo e conhecê-lo como profissão de seus antepassados.

A Escola de Pesca resgatou a memória e as tradições de Piúma, reformulando conceitos e protegendo o patrimônio imaterial da arte da pesca. Muitos dos alunos que passaram por lá, alguns com os quais conversei pessoalmente, não se tornaram pescadores, nem mesmo trabalham em qualquer setor da cadeia produtiva da pesca, mas todos estes são unânimes em dizer que a Escola de Pesca os fez se voltarem para a valorização de suas raízes, sua gente e suas tradições.

Guardam recordações inolvidáveis da Escola pelo que ela os auxiliou a crescer como pessoas, pelo que ela os auxiliou a descobrirem seu potencial e suas perspectivas pessoais e profissionais, ou seja, por como a Escola os ajudou a retirarem de dentro de si mesmos a matéria prima para buscarem seus objetivos – no caso dos mais jovens – e conquistarem o que são hoje – falando dos mais velhos.

Eu realmente não podia deixar de registrar isto, não queria correr o risco de contar uma história única<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Ver “O perigo da história única”, de Chimamanda Adichie, em [www.ted.com/.../chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/.../chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html).

#### **4.4) Onde vamos parar, meu Deus!?**

Eu acho que me empolguei por estar no meio de uma roda de conversa que está reunindo gente como Illich e Niskier que, como dizia minha vó Izabel querida, no seu indefectível mineirês – perdoem o neologismo – “desembestei” a falar. Puxei a conversa, perguntando ao Niskier:

- Então, Niskier, o que você conta sobre este posicionamento veladamente “catequético-castrador” da escola?

- A escola pode assumir posturas conservadoras ou progressistas. Na primeira, dá-se o direito de ser a guardiã da cultura social, e tal direito vem do fato de que outras instituições têm abdicado de uma posição conservadora, somente restando à escola cumprir esse papel.

Família, Igreja e Estado tendem a perpetuar seus usos, ritos e costumes. No entanto, como tais usos, ritos e costumes tornaram-se muito complexos, a essas instituições não é possível sua transmissão formal.

Desta forma, a escola reproduz os interesses das classes dominantes, com todos os seus valores éticos, crenças, modos de produção, organização social, através de currículos e demais atividades escolares, que se constituem em verdades universais a serem assimiladas pelos alunos (NISKIER, 2001).

- Olá Illich, chega mais e senta com a gente.

Então, como estávamos falando, nesta escola, alguns conteúdos podem ser reorganizados de acordo com as circunstâncias externas, incluindo-se disciplinas cujo teor ideológico é superestimado.

Sendo assim, para que seus objetivos sejam alcançados, a escola tradicional cria seus próprios mecanismos de repressão, como seleção de alunos, notas, modelos de comportamentos desejáveis, eliminação, descaracterizando totalmente sua função de ser um dos espaços propícios ao desenvolvimento de um novo modo de agir. Falta atirar os alunos ao moedor de carne e ouvi-los em coro:

*We don't need no education  
We don't need no thought control  
No dark sarcasm in the classroom  
Teachers leave them kids alone  
Hey! Teachers! Leave them kids alone!  
All in all it's just another brick in the wall.  
All in all you're just another brick in the wall<sup>14</sup>.*

- Ou seja, no mundo todo, a escola está tendo um efeito anti-educacional sobre a sociedade, e a restrição dos “direitos” educacionais exclusivamente à escola favorece o jogo de todos os que querem continuar vivendo numa sociedade em que o progresso social está vinculado não a um comprovado conhecimento, mas a uma genealogia de aprendizagem pela qual se supõe seja este adquirido (ILLICH, 1973).

- E aí, por ser reprodutora, tal escola não respeita a individualidade do aluno, apresentando um currículo único para todos, o do grupo dominante, e concentra suas atividades na figura do professor, na memorização, apresentando os fatos como finais. O que você acha, Niskier?

---

<sup>14</sup> “Another brick in the wall”: Pink Floyd

- Na posição progressista, a escola relaciona a atividade educacional com a ordem social e considera seu dever tomar iniciativas e responsabilidades relacionadas ao progresso social, mostrando que nada é final num mundo em constante mudança, cabendo aos alunos à resolução dos problemas conforme estes vão se apresentando.

As conclusões são apresentadas como tentativas sujeitas à possibilidade de novos eventos. As diferenças individuais são consideradas baseadas no princípio de que, de que, desta forma, se tornem capazes de adaptar-se a um universo dinâmico.

No entanto, meus caros, cabe verificar que seria impossível à escola alterar sua política educacional e programas a cada variação da ordem social, sendo mais adequado a ela exercer sua influência no sentido de reduzir os extremos da oscilação social.

Por outro lado, entre conservadores e progressistas, há os que defendem uma posição de neutralidade para a escola, cabendo à mesma defender valores eternos e verdades universais, onde as questões muito controversas não deveriam ser trazidas à escola, sob risco de dividir a comunidade escolar. Ao professor restaria manter-se neutro sem tomar partido algum. (NISKIER, 2001)

- A neutralidade é impossível, se considerarmos que os indivíduos são diferentes, com suas preferências e limitações próprias, o que caracteriza uma sociedade democrática, podendo-se ainda criticar esta posição neutra justamente por estar colaborando para a manutenção da ordem social vigente, que ainda reproduz um modelo educacional em grande parte reprodutor, acrítico e ineficiente.

Gente, eu sei que a conversa está ótima, mas não posso deixar passar esta. Vamos dar uma olhada na letra dessa música do Gabriel o Pensador<sup>15</sup>, acho que tem tudo a ver com nosso papo e vale a pena mostrá-la na íntegra,

Eu tô aqui Pra quê?  
Será que é pra aprender?  
Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?  
Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater  
Sem recreio de saco cheio porque eu não fiz o dever  
A professora já tá de marcação porque sempre me pega  
Disfarçando, espiando, colando toda prova dos colegas  
E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo  
E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo  
Eu quero jogar botão, vídeo-game, bola de gude  
Mas meus pais só querem que eu "vá pra aula!" e "estude!"  
Então dessa vez eu vou estudar até decorar cumpádi  
Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde  
Ou quem sabe aumentar minha mesada  
Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?)  
Não. De mulher pelada  
A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada  
E a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)  
A rua é perigosa então eu vejo televisão  
(Tá lá mais um corpo estendido no chão)  
Na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação  
- Ué não te ensinaram?  
- Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil  
Em vão, pouco interessantes, eu fico pu..  
Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio  
(Vai pro colégio!!)  
Então eu fui relendo tudo até a prova começar  
Voltei louco pra contar:  
Manhê! Tirei um dez na prova  
Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova  
Decorei toda lição  
Não erreí nenhuma questão  
Não aprendi nada de bom  
Mas tirei dez (boa filhão!)  
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci  
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi  
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci  
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi  
Decoreba: esse é o método de ensino  
Eles me tratam como ameba e assim eu não raciocino  
Não aprendo as causas e conseqüências só decoro os fatos  
Desse jeito até história fica chato  
Mas os velhos me disseram que o "porque" é o segredo  
Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo  
Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente  
Eu sei que ainda não sou gente grande, mas eu já sou gente  
E sei que o estudo é uma coisa boa  
O problema é que sem motivação a gente enjoa  
O sistema bota um monte de abobrinha no programa  
Mas pra aprender a ser um ingonorante (...)

---

<sup>15</sup> “Estudo Errado” de Gabriel o Pensador.

Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu dormir)  
Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre  
Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste  
- O que é corrupção? Pra que serve um deputado?  
Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!  
Ou que a minhoca é hermafrodita  
Ou sobre a tênia solitária.  
Não me faça decorar as capitânicas hereditárias!! (...)  
Vamos fugir dessa jaula!  
"Hoje eu tô feliz" (matou o presidente?)  
Não. A aula  
Matei a aula porque num dava  
Eu não agüentava mais  
E fui escutar o Pensador escondido dos meus pais  
Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam  
(Esse num é o valor que um aluno merecia!)  
Íríh... Sujô (Hein?)  
O inspetor!  
(Acabou a farra, já pra sala do coordenador!)  
Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar  
E me disseram que a escola era meu segundo lar  
E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente  
Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!  
Então eu vou passar de ano  
Não tenho outra saída  
Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida  
Discutindo e ensinando os problemas atuais  
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais  
Com matérias das quais eles não lembram mais nada  
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada  
Encarem as crianças com mais seriedade  
Pois na escola é onde formamos nossa personalidade  
Vocês tratam a educação como um negócio onde a ganância, a exploração, e a indiferença são sócios  
Quem devia lucrar só é prejudicado  
Assim vocês vão criar uma geração de revoltados  
Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio  
Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio...  
Juquinha você tá falando demais assim eu vou ter que lhe deixar sem recreio!  
Mas é só a verdade professora!  
Eu sei, mas colabora se não eu perco o meu emprego

#### **4.5) O que pensam nossos dois paladinos sobre Educação?**

É muito difícil haver o desaparecimento da escola como mantenedora da ordem social vigente, no entanto, tal esforço vem sendo tentado pelas pedagogias contemporâneas. Porém, não é suficiente nem produtiva a mera contradição desta escola; é necessário ter consciência da contradição, levantando os conflitos para superá-los, não para que se discuta o conflito pelo conflito.

Pensando desta forma, é preciso cuidar seriamente dos problemas que a “educação” dominante negligencia ou esquece. A formação de alunos e professores deve estar voltada para a vida comunitária, jamais ignorando as relações entre sociedade e Educação, entre esta e o poder ideológico e político da Educação.

A pedagogia do conflito é a pedagogia da divergência e, por isso, de conflito e, ao mesmo tempo, do diálogo entre iguais. É preciso ainda ver como elemento preponderante na pedagogia do conflito a associação espontânea de pessoas, prevalecendo na comunidade a vontade natural das pessoas e não as imposições externas, como ocorre na pedagogia tradicional. (NISKIER, 2001)

A comunidade reconhece no conflito o elemento básico de sua constituição, no entanto, a participação efetiva torna-se proporcional em relação a todos os pontos de vista e todas as vontades. A unidade e o equilíbrio resultam do conflito suportável e previsto dos membros da comunidade.

Falando em comunidade, ninguém melhor do que Buber:

- Comunidade é a união de homens ligados pela própria essência e pela vontade essencial, uma união que é o resultado de um processo natural e não algo imposto; é algo baseado em sua origem comum, costumes, propriedades, etc.(BUBER, 1987:p.83)

- Então, pelo que compreendi, as associações como o Estado atual, a sociedade atual etc., nada têm a ver com a comunidade, tendo tais associações algum sentido de comunidade; nestes casos, existe o se pode denominar aliança, algo que não inclui toda a vida orgânica do homem, enfatizando somente uma dimensão dela. Não é isso, Buber?

Se a aliança é de caráter político, inclui homens que aspiram por alguma mudança; ou, se é de caráter religioso – não, porém, uma parte da vida, no sentido moderno de “religioso” –

ela é um tipo de consagração de algumas horas que seria, por isso, separada da vida e que assim transcenderia a vida cotidiana. A aliança é algo que não engloba a cotidianidade e a regularidade da vida. Ela pretende organizar as maiores aspirações do homem – tomando-se isso não pejorativamente. (BUBER, 1987:p.84)

- Então meu caro Buber, você coloca que a Educação somente ocorre numa comunidade onde os homens não são padronizados, feitos, formados e ordenados de modo seriado, mas sim com pessoas que, formadas e ordenadas diferentemente, mantêm uma autêntica relação entre si.

Você propõe também uma Educação que prepare para um sentido de comunidade na vida pessoal, que estimule os homens a se relacionarem não por terem necessariamente a mediação de algo em comum (interesses, negócios, trabalho ou qualquer ligação prática ou uma realização), mas, ao contrário, a se relacionarem de modo direto e imediato. A Educação deve destacar o diálogo autêntico e as relações do tipo EU-TU, o que não quer dizer que as do tipo EU-ISSO não devam ocorrer, mas de modo subsidiário.

- Um homem não deve ser um meio para outros conseguirem um fim, que um não use o outro, mas que o considere como um ser vivo que está diante de si, vale dizer, um ser para o qual eu estou aqui, do mesmo modo que ele está aqui para mim. (BUBER, 1987:p.88)

- Noto que sua idéia a respeito da Educação, Buber, implica fazer do ser humano artífice da dinâmica de sua comunidade e de sua própria vida, em poderosa consonância com a perspectiva de Teixeira e Illich, não é mesmo?

- Sim, minha querida.

- Toda a vida do homem se faz em Educação e por Educação. A civilização material é Educação, e Educação é, outrossim, toda a vida social. Vida é, com efeito, comunicação entre os homens. E comunicar-se é educar-se. (TEIXEIRA, 2000: p.111)

- A comunicação a qual resulta em uma Educação consistente e relevante é a que estimula e faculta ao aluno a tornar-se responsável por sua atuação na comunidade em que está inserido e que proporciona uma aprendizagem, segundo as palavras de ILLICH (1973), criativa e pesquisadora, necessitando que os participantes estejam igualmente perplexos diante dos mesmos problemas.

Então, Buber, em poucas palavras qual é o lugar da Educação na comunidade?

- A Educação para a comunidade, como eu penso, não pode ser teórica, no sentido de se constituir meramente de informações prontas e acabadas, quase sempre relativas a outras culturas e contextos completamente alheios àqueles vivenciados pelo educando; dever ocorrer, por outro lado, através da comunidade.

Em síntese posso então tirar a seguinte consequência do que vocês me dizem: para que a Educação para a comunidade ocorra, deve haver no inter-humano relações de uma dada qualidade:

- i) **Relações comunitárias entre professores:** vínculo que deveria haver entre os docentes e que ainda ocorre entre a minoria daqueles que devem realizar esta obra mais difícil e mais séria de nosso tempo;
- ii) **Relações comunitárias entre professores e alunos:** o professor deve estar imbuído do senso natural de comunidade e desta forma relacionar-se com seu aluno;

- iii) **Interação entre as classes etárias:** dever-se-ia encontrar uma possibilidade de estabelecer contato com classes de alunos de diferentes idades, onde desta forma, elas teriam de permutar seus interesses; tal tarefa cabe a todos aqueles que trabalham na escola;
- iv) **Interação entre os sexos:** é importante que crianças de ambos os sexos sejam educadas juntas, e que haja uma verdadeira relação entre pessoas que se desenvolvem de diversas maneiras, precisamente pela sua diversidade.
- v) **Relação da escola com o lar:** creio que se deve levar a questão da comunidade para os lares, atrair os lares para o trabalho educacional na comunidade.

Sim, minha amiga, isto pode ser certo, mas

Vou mais além, quando afirmo, ao questionar sobre “O que educa?” e sobre “Quem educa?”, que em última análise, o que educa é o espontâneo. Esta afirmação é melhor explicada quando coloco a seguinte reflexão: uma pessoa chega e as crianças estão sentadas para serem educadas; então, pensam os senhores, que a seguinte situação não penetra a mente das crianças: ”Agora vamos ser educadas”!?...Consideremos novamente a influência do professor sobre os alunos. Como o professor exerce realmente influência sobre o aluno? Na medida em que não existir essa resistência, na medida em que entre eles e os alunos não houver a seguinte situação: “Ah, agora vamos ser educados!” Em outras palavras, quando as relações entre o professor e os alunos forem espontâneas e estes não o saibam nem o percebam. Quando ele educa, o faz com sua existência pessoal, e se ele se acha incapaz de ensinar assim, é recomendável que mude de profissão. (BUBER, 1987: p.90)

- Se entendo bem o argumento dos senhores, espontaneidade não significa falta de compromisso com o conhecimento e a informação, Mas a “educação do caráter” é muito mais importante que quaisquer conteúdos formais.

- Por outro lado, isto tem a ver com o fato de que o que se ensina tem que fazer sentido para o aluno, tem que despertar seu interesse, pois a verdadeira Educação é na verdade um processo de auto-educação e, corroborando o que fora dito acima, educação, ou melhor, auto-educação – porque só a própria pessoa se educa – é, antes de tudo, o resultado de se assumir direta e integralmente a responsabilidade dos próprios atos e experiências.  
(TEIXEIRA, 2000: p.17)

- Em minha própria experiência de vida, como professora, posso dar testemunho que é muito pouco producente ou relevante partir de um conceito já pronto, acabado e fixo e “ensiná-lo” ao aluno, sem qualquer relação vinculante com contexto da vida vivida dessa pessoa. Tampouco faz muito sentido fragmentar o conhecimento em fatias de informações como se as mesmas estivessem desconectadas entre si, algo como uma História totalmente independente de Matemática e das Ciências Biológicas, por exemplo.

-Sim,

Uma escola deve estar relacionada com a sociedade, tal como é e, cabe à escola, preparar os alunos para conhecer esta sociedade e inserir-se nela como em algo que deve ser penetrado com conteúdo de comunidade. (BUBER, 1987: p.97)

- Mas educar é uma função complexa de adaptação e crescimento do organismo total da criança, pode-se de logo ver que a escola tradicional está errada. O organismo não pode ser treinado por partes. A sua atividade funcional, de educação e vida é essencialmente

unitária. A escola deve transformar-se para prover ambiente complexo, como o ambiente da vida, onde a criança se desenvolva e se eduque. (TEIXEIRA, 2000: p.61)

- Sendo assim, meu caro Teixeira, não faz sentido algum falar em Educação sem que esta esteja imersa na sociedade, e que, também, não seja um processo de formação do aluno, como alguém mais crítico, consciente de suas próprias necessidades, apto a dar expressão a seus desejos e a estabelecer mais ricas e variadas relações com o mundo. Nesse sentido então toda autêntica educação é formação do caráter?

- Sim, cara amiga,

Permitam-me afirmar que está aí o panorama moral do mundo. O grande rebanho humano servido por uma moral convencional que se resume em aparências e em preconceitos. O grupo dos homens de ação que se utiliza de tudo isso para a realização dos seus propósitos e que defende, por essa causa, a moral cômoda que lhes permite os triunfos. Os “rebeldes” que buscam numa forma inferior de libertação a revelação de suas “individualidades”. E por último, os idealistas inumanos, que desprezam a “natureza”, desprezam a “ação” e se fecham em um egoísmo espiritual, fanático e ardente. (TEIXEIRA, 2000: p.128)

- Senhores, perdoem-me a petulância, mas ousou dizer que, sem prescindir do saber científico, a escola, como uma das duas células sociais básicas (juntamente com a família), pode e deve reformular suas bases pedagógicas, hoje engessadas numa transmissão estéril de conteúdos muitas vezes pouco relevantes para a “formação do caráter” dos alunos.

Este é um dos objetivos da Escola de Pesca, que é um retrato da comunidade a qual serve. Ela procura fazer, apesar de todas as dificuldades, que aqueles que por lá passaram e seguiram a profissão de pescador, tivessem orgulho disso, como Izaías mesmo me disse. E

também que os outros que não seguiram o ofício de pescador possam guardá-la na mente e no coração como um lugar onde puderam exercitar a arte de serem pessoas melhores.

Mas diga-me então Illich, o “tradicionalismo curricular” não pode dificultar e até mesmo em muitos momentos paralisar o ensino e a aprendizagem da nossa Escola de Pesca?

- Com certeza, pois

A Educação cuja finalidade é exclusivamente um diploma é extremamente ineficiente na concatenação das circunstâncias que incentivam o uso franco das habilidades adquiridas, sendo prejudicada por cerceamentos curriculares. (ILLICH, 1973)

A exigência de currículo e diploma obstaculiza uma das fases mais belas e fundamentais de todo o processo: a transmissão das habilidades inerentes à pesca, pelos “professores” responsáveis pela carpintaria, construção de barcos, confecção de redes e artefatos e criação de mariscos.



Figura32 – Alunos na aula de Arte e Pesca com Tião – Confecção de redes. 2008  
Foto da autora



Figura 33 – Alunos na aula de Carpintaria Naval com Seu Zé. 2008. Foto da autora

- Como é possível sub-valorizar a experiência do Tião além de seu ótimo *feeling* com os alunos ou ainda o talento de Seu Zé, apenas porque eles não têm a “certificação” de um diploma que informe que eles estão aptos a fazer o que sabem fazer tão bem, e que aprenderam na escola da vida no mar?

- É, pois, da natureza da educação tornar-se, dia a dia, mais complexa, mais vasta, mais acumulada. Nesse sentido, toda a humanidade é um grande laboratório, onde se ensaiam, com maior ou menor consciência, métodos e experiências de reconstrução material, social e moral. (TEIXEIRA, 2000: p.109)

- A comunicação entre o mestre e o aluno, em qualquer dos níveis de ensino faz-se algo muito difícil. Sempre fomos, como educadores, convidados a uma tarefa quase impossível. Para educar, temos de conhecer a criança, o adolescente ou o adulto, temos de conhecer a parcela de conhecimento humano cuja aprendizagem vamos conduzir e orientar e temos de

conhecer a sociedade e a cultura que pertencemos. Cada um desses setores se fez hoje todo um mundo de estudos e conhecimentos. Acrescente-se que já não recebemos o aluno como uma página em branco que pedagogos antigos imaginavam, mas como um ser humano vitalizado e alerta, com uma massa informe de experiências em sua cabeça, que não recebeu tanto da família e da vizinhança mais ou menos eclipsadas, mas de seus pares, do transistor<sup>16</sup>, do rádio e da televisão. Esse novo aluno, vivo e ativo pela sua participação fora da escola na difusão oral e visual da cultura-ambiente, é um desafio ao mestre, que lhe parece distante e estranho. (TEIXEIRA, 1976: p.384)

\*\*\*

Findas as despedidas, retornamos à pousada para o descanso. O dia seguinte será o último dia de nossa estada nessa aldeia de uma tão singular Escola de Pesca...

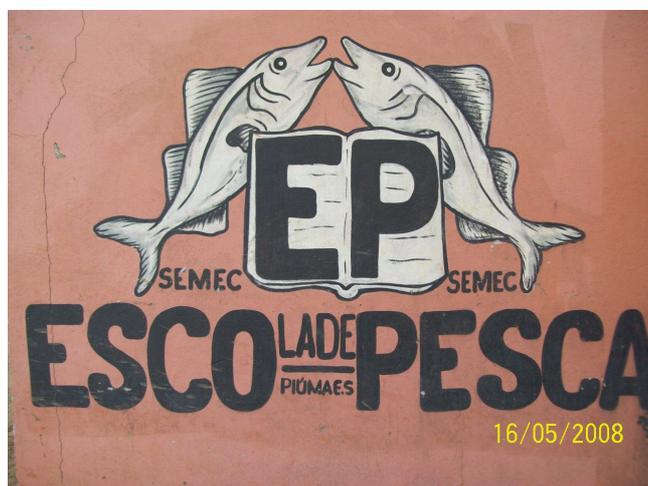


Figura 34 Logotipo da Escola de Pesca, 2008. Foto da autora

---

<sup>16</sup> Este trecho foi escrito originalmente na década de 70, onde as antigas televisões possuíam transistores.

## **5. INDIVÍDUO E PESSOA**

**“... tudo que aprendi aqui está sendo muito útil na minha vida...”**

Paula, ex-aluna da Escola de Pesca

Aqui conversaremos sobre os conceitos de indivíduo e pessoa, segundo a visão dos dois pensadores, com a participação de Gustavo, ex-aluno, e da Prof. Beth.

## CAPÍTULO 5

No dia seguinte... Estava eu lá, tagarelando mais do que nunca!

- Meus caros Buber e Teixeira, ainda outro dia estava me questionando se indivíduo e pessoa são a mesma coisa; utilizamos tanto estes termos no dia-a-dia, em nossas conversas, e francamente não sei se utilizamos estes dois termos para designar a mesma coisa ou confundimos seus reais significados.

- De fato, costuma-se utilizar estes termos, muitas vezes, para denotar o mesmo significado, mas creio que são termos diferentes que significam coisas igualmente distintas, você não acha, Buber?

- Também creio que sim, Teixeira. Você se recorda de nossa conversa sobre relação e diálogo?

- Naturalmente que sim.

- Então, as conceituações de indivíduo e pessoa, a meu ver, estão intrinsecamente relacionadas a estas outras duas.

- Fale mais, caro amigo.

- Bem,

o mundo da relação se realiza em três esferas. A primeira é a vida com a natureza.

Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como aquém da linguagem. As criaturas movem-se diante de nós sem possibilidades de vir até nós e o Tu que lhes endereçamos depara-se com o limiar da palavra. (BUBER, 2006: p. 55)

- Gente, desculpe a interrupção, mas (eu sou muito abelhuda mesmo!) deixa-me ver se entendi bem: podemos, então estabelecer uma espécie de relação com a natureza, de modo geral, e a partir do instante em que exista interação, que obviamente neste caso não é expresso por meio de palavras, e sim pelo uso consciente e inteligente de seus recursos e possibilidades; eu os vejo e os percebo em mim como Tu. É isso que a turma de Piúma tenta realizar com sua preocupação com a pesca preservacionista. Explica isso melhor, Professora Beth.

- Como nós aqui somos um pólo ambiental, há a necessidade da preocupação com a preservação do meio ambiente – diz a Professora Beth, que passou por aqui para dar um alô – e entre as atividades realizadas enquanto pólo ambiental, o Nelson pode descrever melhor. Fala, Nelson.

- Há o projeto de maricultura, já citado antes, que a gente tem na fazenda aqui na ilha vizinha, a produção de mudas nativas para estar distribuindo para a comunidade, com o objetivo de reflorestar áreas de plantio, a parte de estar mexendo com plantações aqui na própria escola, né, os jardins, as mudas ornamentais e as aulas diárias de Educação Ambiental.

- Entendi! E pegando uma carona no que vocês acabaram de dizer, se, ao contrário, meu contato é meramente utilitarista, estes passam a ser Isso. Estou correta, Buber?

- Perfeitamente, minha cara professora! Continuando, a segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o Tu. A terceira é a vida com os seres espirituais. Aí a relação, ainda que envolta em nuvens, se revela, silenciosa, mas gerando a linguagem. (BUBER, 2006: p.55)

Teixeira aproveita a pausa para apimentar nosso bate-papo:

- Neste caso, cabe à crença de cada um, ou não, nos seres metafísicos ou espirituais, a existência desta relação. No entanto, como você estabelece a correlação destes pontos de vista com a questão do que seja indivíduo e pessoa?

- Acompanhe meu raciocínio, Teixeira: a relação, assim como o diálogo, só se estabelece de maneira autêntica e genuína quando o outro é para nós pessoa, e não indivíduo. Quando o outro, o TU, para ser mais específico, encontra em mim receptividade, não no sentido de concordar com tudo o que ele pensa e sente, e sim a receptividade que respeita pontos de vista distintos e sabe como lidar com as diferenças e adversidades de seus semelhantes sem prejuízo da convivência pacífica dos membros da comunidade.

Então Teixeira volta à baila, e ele e Buber travam um diálogo memorável:

- Bem, eu vejo relação como um acontecimento, um modo de vida social, intimamente ligada à democracia, em que cada indivíduo conta como uma pessoa; neste caso, a meu ver, quando se fala em indivíduo, pura e simplesmente, de acordo com as teorias individualistas que ganharam força no século XVIII<sup>17</sup>, se fala em um mero membro de algum agrupamento cuja força, caso a possua, advém de seu poder de realização, que por sua vez, decorre do nível de “educação” – ou em outras palavras, instrução – e de seu poder aquisitivo, economicamente falando (obviamente há os indivíduos que não possuem tal poder).

O que eu quero dizer é que, independentemente das palavras que utilizemos, indivíduo, pessoa, enfim, há seres humanos verdadeiramente conscientes de sua responsabilidade

---

<sup>17</sup> Estas teorias são fruto do liberalismo econômico, que reformulou as organizações de trabalho e produção, liberalismo político, que reorganizou o Estado, e o liberalismo ético-estético, que concebeu o indivíduo como algo que quando deixado a si mesmo, se exprimiria em beleza, harmonia e bondade. (TEIXEIRA, 1969)

como cidadãos e engajados em sua comunidade, que buscam nas atitudes mínimas, como por exemplo, escovar os dentes com a torneira fechada para evitar desperdício de água, contribuir para o seu próprio crescimento – moral e intelectual – e para ser menos um membro alienado e “sem noção”, como o pessoal gosta de dizer hoje em dia, desta comunidade.

Pensar no homem como ser individual que prescindir do ser social é absurdo, pois o individual não deve de modo algum conflitar o social, assim como o indivíduo não se opõe à sociedade. Pessoa é aquela que convive com os demais membros de sua comunidade com o máximo de direção própria e de participação nas responsabilidades desta; pessoa, no meu entendimento, é aquela que possui personalidade, capacidade para indagar e resolver por si os seus problemas.

O indivíduo, enquanto pessoa, vive em várias sociedades e, em cada uma, revela atitudes de maior ou menor adaptação e integração. Sua existência e seus comportamentos são sempre sociais, pois sociais são tanto seus desajustamentos, quanto seus ajustamentos. Não é a sua “natureza”, como algo de absoluto, que precisa de ser reduzida, constrangida, para se fazer social, sendo tanto mais “livre”, quanto menos sociedade lhe impusermos. A verdade é quase o contrário. O que lhe falta é sociedade e quanto mais sociedade tiver, mais livre será. (TEIXEIRA, 2004:p.44)

\*\*\*

Interrompendo mais uma vez, acredito ser relevante observar que se fala em natureza significando personalidade, onde, segundo LINS *apud* FILLOUX (1960), é a “resultante psicofísica da interação da hereditariedade com o meio, manifesta através do comportamento, cujas características são peculiares a cada pessoa”.

- Sim, concordo plenamente!

A pessoa toma consciência de si como participante do ser, como um ser-com, como um ente. O egótico – o que caracterizo como indivíduo meramente, ou aquele que vivencia na maior parte de seu tempo o Isso – toma consciência de si como um ente-que-é-assim e não-de-outro-modo. A pessoa diz: "Eu sou", o egótico diz: "Eu sou assim". "Conhece-te a ti mesmo" para a pessoa significa: conhece-te como ser. Para o egótico: conhece o teu modo de ser. Na medida em que o egótico se afasta dos outros, ele se distancia do Ser. Com isso não se quer dizer que a pessoa "renuncie" ao seu modo de ser específico – ou a sua personalidade, como você bem colocou, Teixeira – mas somente isso: este não é somente o seu ponto de vista, mas a forma necessária e significativa de ser. Ao contrário, o egótico se delicia com o seu modo-de-ser específico, que ele imagina ser o seu. (BUBER, 2006: p. 93)

- De fato, Buber, nada mais terrível para qualquer relação, e mais especificamente no nosso caso, que trata da relação entre entes participantes da comunidade escolar, e mais, de uma comunidade como a de Piúma, por exemplo, que aqueles que vivenciam esta "relação" julguem seus *modus vivendi* e *operandi* como os únicos totalmente corretos para o funcionamento das coisas ao seu redor.

Veja, por essa razão a Cooperativa não deu certo, a Escola não funciona com todo o potencial de que é capaz, entre outras coisas...

- Com certeza, Teixeira.

Pessoa é aquela que vive uma vida dialógica, mesmo solitária, pois não é a solidão propriamente que faz com que o homem tenha uma vida monológica, e sim a falta de capacidade de atualizar, efetiva e essencialmente, a sociedade em que vive e se move.

No caso da pessoa, sua vida dialógica recebe, mesmo no mais extremo abandono, uma sensação enérgica de reciprocidade; o indivíduo, que vive monologicamente, não se aventurará, mesmo na mais doce comunhão, a extrapolar as fronteiras de si mesmo. (BUBER, 2007)

- E parece que existe, mesmo que não seja por parte de todos, na Escola de Pesca, a preocupação em exercitar essa vida dialógica com os alunos, o esforço por formar pessoas que aprendam a se comprometer consigo mesmas e com o meio em que vivem, com seus semelhantes, não é mesmo Gustavo<sup>18</sup>?

- É , eu aprendi, como pessoa em todos os sentidos, a ser uma pessoa, assim, melhor, ter a cabeça no lugar, ter mais atitude, principalmente quando eu tive aula com Betinha, ela sempre falava isso, que você deve pensar antes de agir, e tudo o que você tem de bom guardar na mente e no coração, deixar para lá o que for de ruim.

- Eu penso que devemos ensinar a esses alunos o resgate, a valorização da comunidade pesqueira, valorizar a pessoa do pescador, a figura humana dele e ele enquanto agente social – diz Professora Beth.

Bem, gente, eu, Nelson e Gustavo precisamos ir agora. Foi um grande prazer conversar com vocês. Até breve, espero!

- Até qualquer dia, Beth – dissemos eu, Buber e Teixeira, já com um certo banzo no olhar e nas palavras.

\*\*\*

---

<sup>18</sup> Gustavo é um ex-aluno da Escola de Pesca que gentilmente participou deste bate-papo.

Que pena! O sol já havia se posto, a noite começava a cair e já estava na hora de dizer adeus, pois todos nós deveríamos retornar às nossas realidades, mas não do mesmo jeito de quando chegamos aqui. Com certeza, em mim, para mim, muita coisa mudou para sempre...

- É, pessoal, começamos a conversar e nem percebemos que a noite já vai alta...

- Meus caros amigos, eu poderia ficar muitas horas a mais aqui na companhia de vocês, conversando sobre temas tão importantes e oportunos, mas preciso partir, preciso voltar para minha Viena, e o navio parte amanhã bem cedo. Portanto, deixo registrado o grande prazer de ter participado deste bate-papo e me despeço com um grande abraço a todos.

- Sim, eu também devo voltar a Salvador, e parafraseando Dorival Caymmi, se “você não foi à Bahia, nego, então vá”! Deixo o convite e o abraço a estas pessoas fascinantes com as quais tive a honra de privar a companhia.

\*\*\*

Todos os outros convidados e amigos que embarcaram nesta bela jornada se despedem, pois estão de regresso a seus afazeres e suas vidas, e deixam muita, muita saudade.

Quem sabe um dia, voltam os personagens desta história a se encontrar novamente num dos muitos portos da vida e atracar no ancoradouro da relação, do diálogo, do vínculo...

Eu vou ficar só mais um pouquinho para terminar de me despedir desta bela cidade. Daqui a pouco eu também volto para casa, mas antes vou curtir meus últimos minutos em Piúma e ver pela última vez a Escola que com toda a certeza vai ser inspiração para mim para o resto de minha vida profissional e até mesmo pessoal.

Até mais!

## **6. A DESPEDIDA**

**“Eu tinha muito medo do mar, antes de descobrir que suas águas são inofensivas a mim se eu tratá-lo como gostaria de ser tratada: com respeito, com afeto.”**

Raphaela, eterna admiradora da Escola de Pesca

Minhas palavras finais e algumas observações do meu diário de bordo vou compartilhar aqui com o leitor.

## **JÁ ESTÁ CHEGANDO A HORA DE IR...**

Chegamos ao fim da viagem. Já está dando um nó no peito de ter de embarcar e levantar âncora, mas além de navegar, viver também é preciso.

Eu saí de minha cidade, no estado do Rio de Janeiro, e fui parar no Espírito Santo, numa cidadezinha obscura e desconhecida para mim, e qual não foi minha surpresa constatar que havia uma vida tão rica, tão diversa e complexa por estes mares nunca d'antes navegados por mim.

Eu, como professora das redes públicas estadual e municipal, sempre vivi imersa na realidade do Rio de Janeiro, onde faltam recursos materiais, falta infra-estrutura física, faltam profissionais no sentido quantitativo e qualitativo para atender à demanda educacional do nosso estado, esta realidade que parece já ter desistido da Educação.

Mas sempre acreditei na escola pública de qualidade, que poderia funcionar, que seria capaz de formar pessoas que levariam para suas vidas não somente o saber das letras, dos números e dos acontecimentos, mas também o “saber” ético, do comprometimento social, da responsabilidade solidária, da vida vivida, onde nós, profissionais da Educação, pudéssemos estimular o desenvolvimento desta semente, que acredito estar latente em toda a gente. Por isso, desde a época dos bancos universitários, me identifiquei tanto com Anísio Teixeira, com sua utopia viável, que depende apenas da vontade política e social para se fazer valer e acontecer.

Resolvi escarafunchar as obras deste sujeito incrível pois foram das pouquíssimas idéias sobre Educação que me conquistaram de fato, que não me pareceram piegas nem

impossíveis, pois este cara viveu a realidade da Educação no Brasil, suas lutas e dificuldades.

Seu sonho de criação e implantação de uma escola pública feita por brasileiros, para brasileiros, que atendesse as necessidades dos brasileiros – sim, estou fazendo uma crítica clara e contundente aos modismos estrangeiros, que caem aqui de pára-quadras e logo são alçados à condição de queridinhos salvadores do caos educacional brasileiro – com inspiração nas idéias de John Dewey, e veja bem, estou falando de INSPIRAÇÃO, e não de se pegar um trabalho originalmente desenvolvido para atender as necessidades de outras pessoas, vivendo em outros contextos e realidades, e enfiar em nossa goela abaixo – me perdoem mais uma vez a contundência e proposital deselegância – como a salvação da lavoura, como muitas vezes já aconteceu, é realmente viável.

Experimentei suas idéias em sala de aula, em minha própria prática cotidiana, e pude ver as coisas gradativamente funcionando; eu disse GRADATIVAMENTE, até porque ele nunca disse que as coisas mudariam num estalar de dedinhos, ou que as pessoas todas despertariam.

Estamos falando muitas vezes de um, quando muito, dois ou três alunos, não mais do que isso, que germinam aquela sementinha da qual falei antes, mas é assim mesmo que tem que ser, pois toda e qualquer mudança, para ser efetiva e eficaz, tem que acontecer aos poucos, muito aos poucos...

Então “conheci” Buber e... pronto! Era o que faltava para ter a certeza de que deveria escrever sobre o diálogo, a vida-vivida, as agruras e delícias que envolvem o processo educacional, através das relações EU-TU e EU-ISSO.

Ao ler minuciosamente as obras de Teixeira e Buber, tive a sensação de que se conheceram, trocaram idéias e discutiram pontos de vista juntos, tamanha foi, a meu ver, a sinergia entre suas obras, no que tange à Educação. Não tive a menor dúvida em querer mostrar tal sinergia, o que foi a primeira parte do trabalho. Faltava agora validar a teoria, como se diz no meio acadêmico, e não poderia haver lugar melhor para tal do que em Piúma.

Quando lá cheguei para iniciar as pesquisas de campo, fui munida do olhar curioso do pesquisador, na postura de profissional da Educação a realizar um trabalho acadêmico de pesquisa, mas ao travar contato com o lugar, as pessoas, sua forma de ver as coisas, de ver e viver a vida e de conviver com a sua realidade me fizeram descer, quase desabando, do meu pedestal de professora – aquela que geralmente tem algo a ensinar – para simplesmente aprender com aquelas pessoas simples o que era realmente tentar fazer uma educação diferente, que fizesse sentido para aquela comunidade e para a realidade que eles viviam.

Eu já sentia uma angústia tremenda em relação aos conteúdos e ao currículo que somos obrigados a trabalhar, muitas vezes sem a menor serventia para o aluno, não o estimulando em nada a ser crítico, totalmente à parte de sua realidade e das suas necessidades – as secretarias de educação discutem e rediscutem parâmetros curriculares e conteúdos sem nunca chegar a lugar algum – e essa angústia quase se tornou desespero quando travei contato com o trabalho da Escola de Pesca.

Longe de solucionar os problemas de falta de quase tudo, como já havia citado anteriormente, no entanto anos-luz à frente da mentalidade conteudista e escolástica que ou descontextualiza conteúdos de caráter prático ou força absurdamente uma contextualização patética para conteúdos tipicamente abstratos, a Escola de Pesca me mostrou como deveria ser, apesar de todos os pesares e entraves, uma verdadeira Educação comprometida com

tudo aquilo em que Teixeira, Buber e eu acreditamos – me perdoem a ousadia de me incluir, mas nem mesmo no “diálogo” que os dois travaram eu pude deixar de me posicionar, ou, em outras palavras, de me intrometer! – e de como as dificuldades não podem e não devem impedir que essa Educação viceje e dê frutos.

A cada entrevista feita, a cada bate-papo com um ex-aluno, um professor, ou até mesmo um morador que mesmo nunca tendo passado pelos bancos da Escola de Pesca, exaltava sua importância para a comunidade de Piúma e outras adjacentes, fui ganhando coragem para trazer para minha realidade, para meu trabalho, para minha sala de aula, a coerência de ensinar respeitando a qualidade do processo, em total detrimento da quantidade de informações que o currículo exige transmitir.

Percebi, através do contato com a Escola de Pesca, que devo priorizar os conteúdos que, constando das diretrizes curriculares da disciplina que leciono, no caso, Matemática, enfatizem tudo aquilo que tem a ver com a realidade do aluno, com suas necessidades cognitivas e sociais, aproveitando sua vivência prévia e usando-a como trampolim para impulsioná-lo à aquisição de novas informações, técnicas e métodos de resolução de problemas, como vi acontecer lá.

A grande beleza deste trabalho foi me colocar na posição de narrador-personagem, aquele que simultaneamente observa a história – neste caso, o trabalho de pesquisa de uma realidade distinta da que me é familiar e o levantamento de informações, compilação de idéias e teorias e observação do estudo de caso – e que participa da história – na condição de regente de turma, pude comparar as duas realidades sob o olhar dos dois autores e constatar que mudam apenas os contextos e os personagens, mas os objetivos da Educação e as atitudes desejáveis e possíveis que deveriam ser realizadas para se alcançá-los são

universais, pois, afinal de contas, se tratam de seres humanos, cujas necessidades básicas de informação, formação, afetividade e convivência são as mesmas em qualquer lugar do planeta.

Isto sem falar de novos conceitos, visões e pontos de vista que agreguei à minha “bagagem” e levarei a qualquer sala de aula em que estiver. Seria muito bom poder dar continuidade a estas pesquisas, investigando outros aspectos desta história, como as dimensões formais e informais das políticas públicas às quais a Escola de Pesca está subordinada, associadas ao papel econômico da Escola de Pesca no município, as redes sociais no contexto da pesca em Piúma, e outras facetas desta realidade tão diferente e tão parecida com a minha, com a nossa, aqui, no Rio de Janeiro.

A hora da despedida é sempre precedida da enorme vontade de que ela nunca aconteça, mas, neste caso, não posso me fazer valer do jargão popular que diz que “tudo que é bom dura pouco”, pois no meu caso, esta experiência vai durar a minha vida toda, e estarei de volta a Piúma, mesmo sem a “companhia” dos meus dois paladinos – olha minha petulância falando mais alto novamente! – para, na companhia de minha filha, mostrar a ela como apreciar um peixinho na brasa, uma água de coco bem gelada e a história de um lugar notável, que deveria não ser uma exceção, mas uma realidade viva em cada canto deste país.

Só posso dizer “até breve” Piúma, “até Breve” Escola de Pesca, que se tornaram, respectivamente, meu bem da terra e meu bem do mar, e homenageá-las tomando emprestadas as palavras do grande poeta do mar, Dorival Caymmi...

O pescador tem dois amor  
Um bem na terra, um bem no mar

O bem de terra é aquela que fica  
Na beira da praia quando a gente sai  
O bem de terra é aquela que chora  
Mas faz que não chora quando a gente sai  
O bem do mar é o mar, é o mar  
Que carrega com a gente  
Pra gente pescar<sup>19</sup>

Adeus...

---

<sup>19</sup> “O Bem do Mar”, de Dorival Caymmi

## **7. POSFÁCIO**

Este capítulo mostra o quadro atual de Piúma, após a mudança institucional que extinguiu a Escola de Pesca e deu lugar ao surgimento do IFES.

## CAPÍTULO 7

### DOIS ANOS DEPOIS...

Desde a última visita a Piúma, ainda em 2008, até a data de conclusão deste trabalho, passaram-se dois anos. Neste período de tempo, muita coisa mudou, e o mais importante e impactante fato é que a Escola de Pesca não existe mais.

Sim, é isso mesmo; não existe mais nem física nem ideologicamente.

No entanto, sua extinção não foi repentina, como pode parecer. Ela começou desde o momento em que a Escopesca foi erigida, ainda em 1986, quando sua proposta original não foi, em momento algum, plena e fielmente executada; quando todos os problemas relacionados aos recursos materiais e humanos tomaram uma proporção alarmante; quando as dificuldades financeiras e a (má) vontade política – que “jogou” a Escola de Pesca para lá e para cá, ora tendo-a como responsabilidade do Estado, ora municipalizando-a – se tornaram insustentáveis.

Até que, em 2009, foi oficializado o fim da Escola de Pesca de Piúma e determinado o início das obras de implantação do IFES (Instituto Federal de Ensino Superior) Piúma. Não posso, enquanto profissional da Educação, “vilanizar” a instalação do IFES em Piúma, seria grande leviandade fazê-lo.

É óbvio que o aperfeiçoamento das técnicas de pesca em nível profissional é um ganho e tanto para que este ofício vá aos poucos deixando de ser marginalizado, no entanto acabar com a Escopesca foi lamentável, e permitam-me enfatizar, um erro grotesco, não somente pelo ponto de vista pedagógico, mas pelo aspecto humano também. Quero dizer que todo o

trabalho de formação de pessoas comprometidas com sua realidade, o mundo concreto e o enraizamento de suas tradições e de sua memória, pelo menos da forma como a extinta Escola de Pesca realizava e que foi exposta ao longo deste trabalho – prefiro chamar de relato – não mais existe, e não se sabe se pode voltar a existir.

As “justificativas” que eu ouvi foram as mais incipientes, mas tinha que se dar alguma desculpa, não é mesmo?! Por exemplo, a Escopesca consumia, sozinha, a maior parte dos gastos com folha de pagamento e material. Mas isso é óbvio!! É claro que uma escola com tais características tinha que demandar mais recursos financeiros, senão seria uma escola comum.

E justamente por não ser uma escola comum, foi responsável por lançar ao mar, literalmente, grande parte dos mestres de barco que até hoje atuam em Itapemirim, Piúma e adjacências; formou alunos que hoje são professores em Piúma e atuam na Rede Estadual; profissionais que atuam na Petrobrás e em estaleiros; muitos outros que atuam no setor pesqueiro na cidade e fora dela; detalhe: praticamente TODOS filhos de pescadores e ex-pescadores.

Outra “razão” que ouvi foi a de que a maioria dos alunos não era de Piúma... E daí? A Escopesca tinha que ser sediada em algum lugar, para atender não só a Piúma, mas a todas as cidades vizinhas cuja economia fosse essencialmente baseada na pesca.

Mais uma vez, insisto em deixar claro que minha visão pessoal e profissional não é jamais contra a implantação do IFES ou qualquer outra instituição, mas contra a extinção da Escopesca. O absurdo foi tamanho a ponto de se fechar as portas da Escola sem ao menos permitir que os alunos que já estavam matriculados e cursando concluíssem o ano letivo.

Bem, voltei à cidade depois que as obras do IFES se iniciaram, e tive a oportunidade de conversar com seu diretor geral, Professor Cesar Hermes, que me explicou com detalhes como ocorreu todo o processo de implantação do campus, e muito gentilmente me forneceu um material escrito de sua autoria, mais precisamente uma apresentação que houvera feito às autoridades responsáveis em Brasília. Peço licença ao Professor Cesar para reproduzir sua apresentação, pois tal como está escrita será bastante esclarecedora, e poderá ser conferida na íntegra nas páginas do Anexo.

Entrevistando pessoas ligadas a antiga Escola de Pesca, ex-alunos e ex-funcionários, todos foram unânimes em dizer que acreditam no IFES como um centro de excelência para o desenvolvimento da atividade pesqueira, em toda a sua cadeia produtiva, em nível posterior ao nível básico, que a antiga Escola de Pesca contemplava; ou seja, a vinda do IFES foi ótima para Piúma.

No entanto, o grande questionamento de todos (inclusive meu!) é como os alunos sairão do Ensino Fundamental Formal para o IFES totalmente voltado para a pesca e aquicultura (contemplando a vocação natural não só de Piúma, mas dos municípios vizinhos dedicados à pesca); perguntamo-nos todos como esse hiato que se formou entre o Ensino Fundamental do 6º ao 9º anos e o Ensino Médio em diante será preenchido, pois se enquanto a antiga Escola de Pesca possuía um grande problema de continuidade – os alunos saíam da Escopesca e obrigatoriamente seguiam para o Ensino Médio Regular, o que não tinha a menor coerência – o novo IFES não contempla o início, o ensino básico, em nível fundamental.

Buscar respostas ou explicações para estes questionamentos certamente exige observações e investigações que extrapolam e muito o escopo das reflexões até aqui expostas, sendo necessário um novo e longo trabalho de pesquisa.

Agora, deixo a guisa de reflexão, alguns registros fotográficos para que possamos ter a dimensão do sentimento de luto que paira em mim e em todos os que amavam a Escola de Pesca, aos quais me permito representar.

### MURO DECORATIVO DE CONCHAS



Figura 35 Foto da Autora



Figura 36 Foto da Autora

FRENTE DE UM DOS PRÉDIOS



Figura 37 Foto da Autora



Figura 38 Foto da Autora

## FÁBRICA DE GELO



Figura 39 Foto da Autora



Figura 40 Foto da Autora

## SALAS DE AULA



Figura 41 Foto da Autora



Figura 42 Foto da Autora

Além dos limites da antiga escola, ainda há uma área gigantesca destinada às salas de aula, auditório, biblioteca e demais salas de recursos. Nas antigas salas de aula, na parte frontal do IFES, irão funcionar laboratórios. Fotos destas futuras instalações se seguem.



Figura 43 Foto da Autora



Figura 44 Foto da Autora



Figura 45 Foto da Autora



Figura 46 Foto da Autora



Figura 47 Foto da Autora

Sendo assim, é preciso literalmente dar tempo ao tempo e deixar que esta nova etapa se inicie e se consolide em Piúma, e eu pessoalmente espero que estes novos ventos levem-na a um mar auspicioso e repleto de possibilidades.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHOLO Jr., R., 2001, **Você e Eu - Martin Buber, presença e palavra**. Rio de Janeiro, Editora Garamond.

BARTHOLO Jr., R., TUNES, E., TACCA, M.C., 2010, “Vigotsky’s and Buber’s Pedagogical Perspectives: Some Affinities.”, **Educational Philosophy and Theory**, v. 42, n. 8 (Dec). (A ser impresso em Dezembro de 2010).

BUBER, M., 2007, **Do diálogo e do dialógico**. 1ª Ed. São Paulo, Editora Perspectiva.

\_\_\_\_\_, 2006, **Eu e Tu**. 10ª Ed. São Paulo, Centauro Editora.

\_\_\_\_\_, 1987, **Sobre Comunidade**. São Paulo, Editora Perspectiva.

CAPRA, F., 1982, **O ponto de mutação**. São Paulo, Círculo do Livro.

DE SOTO, H., 1987, **Economia Subterrânea – uma análise da realidade peruana**. Rio de Janeiro, Editora Globo.

FOUCAULT, M., 2007, **Microfísica do Poder**. 23ª Ed. São Paulo. Editora Graal.

GOLEMAN, D., 1995, **Inteligência Emocional – A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 21ª Ed. Rio de Janeiro, Editora Objetiva.

ILLICH, I., 1973, **Sociedade sem escolas**. 2ª Ed. Petrópolis, Editora Vozes.

LOMNITZ, L. A., 2009, **Redes Sociais, Cultura e Poder**. Rio de Janeiro, E-Papers.

NISKIER, A., 2001, **Filosofia da Educação – Uma visão crítica**. São Paulo, Edições Loyola.

SARAYED – DIN, L., **A ponte do rio: sobre o formal e o informal no plano de urbanização da Rocinha**. Dissertação de M.Sc., COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2009.

SENNET, R., 2004, **A corrosão do caráter**. 8ª Ed. Rio de Janeiro, Editora Record.

TEIXEIRA, A., 1928, **Aspectos americanos de educação**. Salvador, Tip. De São Francisco.

\_\_\_\_\_, 1956, **A Educação e a crise brasileira**. São Paulo, Editora Nacional.

\_\_\_\_\_, 1969, **Educação e o mundo moderno**. São Paulo, Editora Nacional.

\_\_\_\_\_, 1976, **Educação no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo, Editora Nacional.

\_\_\_\_\_, 2004, **Educação é um direito**. 3ª Ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

\_\_\_\_\_, 1997, **Educação para a democracia**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

\_\_\_\_\_, 1998, **Educação e universidade**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

\_\_\_\_\_, 2007, **Educação não é privilégio**. 7ª Ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

\_\_\_\_\_, 1934, **Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação**. 2ª Ed. São Paulo, Editora Nacional.

\_\_\_\_\_, s.d., **Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara.

\_\_\_\_\_, 1989, **Ensino Superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas.

\_\_\_\_\_, 2000, **Pequena Introdução á Filosofia da Educação**. 6ª Ed. Rio de Janeiro, DP&A Editora.

VON ZUBEN, N., 2003, **Martin Buber – Cumplicidade e diálogo**. São Paulo, EDUSC.

## **9. ANEXO**

A apresentação feita pelo Prof. Cesar Hermes, por ocasião da reunião sobre a criação do IFES – Piúma será apresentada na íntegra, como se segue.